

O FORJANENSE

Mensário informativo e regionalista

o seu jornal de eleição

Director: Sérgio Carvalho Subdirector: Mário Robalo

Fundado em Dezembro 1984 • Ano XXIV 2ª série • n.º 244 • Julho/Agosto 2009 • Euros 0.80

Vidas de emigrantes



Rodrigues de Faria
personifica a importância
da emigração de Forjães
pág. 2-6



Celebrações dos 20 anos de elevação a Vila
e Festas de Sta. Marinha pág. 10-13



www.espoauto.com

espoauto@espoauto.com

Baixo - Gandra - 4740 - 473 Esposende - Tel. 253 989 180



EspoAuto
comércio de automóveis

Emigração

Remontam ao século XIX as referências à emigração de forjanenses. Brasil e Argentina, França e Alemanha, Inglaterra e Austrália, Venezuela e Suécia são alguns dos destinos escolhidos como uma nova saída para a vida. Ninguém sabe quantos são nem as actividades que desenvolvem. Muitos nunca mais regressaram. Na época do ano em que a maioria dos emigrantes visita a terra, O FORJANENSE quis conhecer, para além das dificuldades e desencontros do mundo, os sonhos que acalentam e as esperanças que mantêm para os seus. No fundo, as suas histórias.

Não se pretendeu fazer um retrato exaustivo, mas apenas uma amostragem, que, embora reduzida, reflecta aquilo que poderá ser o viver do emigrante. Por isso, foram enviadas cartas a todos os emigrantes que assinam o jornal. Responderam apenas cinco. Do que contaram se dá conta num texto inserido nesta edição. Foram ouvidos ainda quatro emigrantes actualmente em Forjães, em função da sua disponibilidade. A figura de Rodrigues de Faria, porventura o nosso mais notável emigrante, não poderia ser esquecida.

Para melhor ilustrar a primeira página, foi convidado o artista plástico José Monteiro, de forma a traduzir esta aventura da partida.

Domingos Lima e Armanda Bandeira



Horácio Silva e Alexandrina Silva



Emigrantes: vidas em viagem

Entre ficar e partir nem sempre lhes foi fácil escolher. Os esforços e os obstáculos que enfrentaram não os derrotaram. Hoje, relatam momentos de alegria e de tristeza. Partilham as suas malas de emoções e de saudades. *Textos de Anabela Moreira, Mário Robalo e Sérgio Carvalho*

Emigração



Manuel Laranjeira e Maria das Dores Pereira



Maria Deolinda Sá, Emílio Cruz e filha, Marisa



Domingos Lima

Emigrou para a França em 1962, com 21 anos de idade, não para fugir à tropa, como a maioria dos que optaram por esta saída, mas sim porque «a vida era má e não havia indústria». Assim deixou Portugal e o seu trabalho na construção civil e rumou «para onde se ganhava mais». Foi de comboio, numa viagem que durou dois dias. «Lembro-me das caramugas do carvão que saíam da chaminé pegarem fogo às ervas junto aos carris», diz Domingos Lima, hoje com 68 anos.

Quando chegou a Paris, a sua integração foi relativamente fácil, visto ter ali família para o receber e acolher: um tio que já lá morava, com dois irmãos mais velhos, desde os tempos da Guerra Mundial II, e que estava casado com uma francesa. Aliás, para que pudesse partir na legalidade, havia escrito previamente ao irmão a pedir-lhe que lhe providenciasse a «Carta de Chamada», certificando a garantia de emprego e habitação à chegada ao novo país. Também o fez para outros forjanenses, como foi o caso de Joaquim Alberto que «até foi antes de mim porque eu estava doente e tive de ser operado a uma hérnia», conta o ex-emigrante. Isto permite-lhe admitir que foi numa

situação favorecida, na medida em que não teve de passar pelas adversidades que aqueles que «iam em camiões e ficaram em barracas quando lá chegaram» mas que felizmente «agora, têm o céu».

Começou por trabalhar na construção civil, à semelhança dos que já lá estavam, e nas férias não perdia a oportunidade de regressar a Portugal. «Quando era solteiro vinha quase todos os anos», recorda. Em 1966, fez a primeira viagem de automóvel até Forjães. Chegou num Simca 1300 que ostentava na matrícula o famoso número 75, indicando a sua área de residência em Paris, e fez sensação porque «na altura, muito pouca gente tinha carro», sublinha. Nesse ano, vai orgulhosamente no seu carro às festas das Neves e, na noite do fogo, enquanto «andava a fazer de rico», graceja agora o ex-emigrante, conhece Arminda Bandeira, natural daquela vila, que logo se encantou.

Dois anos mais tarde, em 1968, Arminda Bandeira decide também ela emigrar para França, ficando a viver em casa de uns primos que lá residiam. Só se passou mais um ano até que Domingos e Arminda se casarem no novo país de residência. Aí permaneceram a trabalhar, ela nas limpezas e ele, mais recentemente, numa fábrica de aviões, até que resolveram voltar a Portugal.

Fizeram-no em 1984, quando já tinham a vida organizada de forma que lhes permitisse viver tranquilos no país de origem. «O sonho do meu marido era voltar mal pudesse», diz Arminda Bandeira, tanto que nunca lá comprou nada, confirma Domingos Lima.

As visitas regulares a Portugal não deixaram que as diferenças entre a terra que o viu partir e a que, 22 anos mais tarde, o viu regressar fossem muito notórias, mas «o ambiente já não era a mesma coisa», reconhece. Se têm saudades dos tempos em França? «Não, nenhuma», afirma prontamente Arminda Bandeira. Já o seu marido hesita, as amizades que travou com os colegas de trabalho marcaram-no e deixam-no nostálgico.

A.M.

Horácio Silva

Chegou a Malesherbes, França, em Fevereiro de 66, com 21 anos e solteiro, para trabalhar na construção. «Fui a contrato de trabalho. Passei na junta médica francesa, no Porto, e lá fui, com bilhete e refeição para a viagem pagos pelo patrão», recorda Horácio Silva, «ainda me cruzei com uns rapazes de Alvarães, que iam «a salto» e fui eu que lhes matei a fome». Só lá ficou 3 meses,

porque encontrou um empregador que lhe pagaria mais noutra vila, perto dali. E, assim, foi o primeiro português a estabelecer-se em Puisseaux, para lá ficar nos 44 anos seguintes.

Antes de partir, trabalhou muitos anos com o pai em Bragança. «Depois zanguiei-me com ele e vim trabalhar para o Rosas, na construção da segunda fábrica de tijolo», conta o emigrante. Seguiu-se a ida para a tropa e uns anos na Guiné. Ao regressar de África, decidiu aventurar-se em França. Quando já tinha a ida organizada, recebeu os documentos para ser fiscal na tropa, que entretanto tinha requerido, mas manteve a sua resolução de emigrar.

Horácio e Alexandrina Silva já se conheciam antes de ele sair do país. Quando ele voltou de férias a Portugal, deixaram passar o Natal e, em Janeiro de 68, casaram-se. Ele regressou a França sozinho e ela acompanha-o somente após um ano, devido a uma greve, já com o recém-nascido filho mais velho. Os outros três já nasceram em território francês e, hoje, ainda residem lá.

Trabalharam, criaram os filhos, travaram amizades, aprofundaram raízes. Mas não perdiam oportunidade de visitar o seu país. «Vinha mais vezes de férias de França do que quando estava em Bragança, chegava a vir duas vezes por ano»,

explica Horácio Silva. Este contacto com os portugueses também se fazia por altura do torneio de futebol, acolhendo em sua casa vários jogadores do FSC (ver texto página 4).

Voltaram para Forjães quando obtiveram as regalias da reforma e agora regressam a França com frequência, para passar uns meses com os filhos e netos. Tanto que tem de avisar constantemente o pessoal da ACARF para alterarem a morada de envio de O FORJANENSE, que recebe ora cá, ora lá.

Quando se lhe pergunta do que mais tinha saudades de Portugal, Horácio Silva responde claramente: «De Forjães!» E assim tão simplesmente, está tudo dito: «Se não mais sair de Forjães, estou bem.». É neste momento que notámos a esposa hesitar: se ao início lhe foi difícil habituar-se à nova vida, por não haver lá mais nenhum português, as raízes que desenvolveram e agora têm na França são as mais fortes. «Passei mais tempo lá do que cá, temos lá amigos», mas principalmente, porque «tão lá os meus filhos e os netos a crescer... e custa-me deixá-los lá», explica Alexandrina. «Aqui conhecemos pouca gente, só a que é do nosso tempo», continua o marido, «conhecemos muita gente, mas que estava na França e agora também está cá.»

Não se consideram ex-emigrantes, porque repartem a vida pelos dois países. «Quando se respeita tudo, é-se amigo de todos. Quando temos as janelas fechadas, perguntam sempre por nós, onde estamos», afirmam com satisfação.

A.M.

Manuel Laranjeira

«Aos Domingos à tarde, o nosso divertimento era ir a pé à estação dos comboios para nos pesarmos numa máquina, a troco de uma moeda de 10 cêntimos!» É assim que Manuel Laranjeira, 59 anos, remata a nossa conversa, não se esquecendo de frisar de modo marcado «Eu sou muito direito!», frase ancorada em conceitos como o valor da verdade e da palavra. «Podes pôr isso» — sugere, acrescentando que muito deve à professora Felismina Pimenta, hoje com 73 anos e a residir em Matosinhos, e com a qual mantém uma relação de amizade sustentada em encontros regulares. «Penso encontrar-me com ela um destes dias». Recordou, porque ainda fiquei mais direito do que eu era, um episódio marcante desses tempos da primária: retirara no quintal do senhor reitor duas laranjas para comer e seria a professora a exigir que ele fosse pedir desculpa ao padre Freitas, o que viria a acontecer.

Está muito agradecido à França, para onde emigrou aos 15 anos na

Emigração

companhia do pai, nunca sentiu racismo ou chauvinismo e pensa, dentro de um ano, data da reforma, fazer os dois, isto é, viver em partes iguais nos dois países.

Marcava o calendário 26 de Fevereiro de 1966, quando chegou a Malesherbes, onde sempre trabalhou. A miséria, a fuga à tropa e uma vida melhor impuseram a emigração, já legal. e depois de uma obrigatória junta médica no Porto, na companhia do Ramiro, do Cunha e do Manuel.

As dificuldades? «A língua», atira de pronto. «Não compreendia nada! Para pedir 'uma tranche' de coração, cheguei a ir ao talho, apontar para o coração e 'fazer tuc-tuc-tuc...'. Outra dificuldade era o frio: «Cheguei a chorar e a esconder-me do meu pai para ele não me ver! Os termómetros desciam impiedosamente aos 25 negativos e levava-se gásóleo para aquecer e se poder trabalhar, quando não havia chauffage, mas então a fazer telhados era terrível!». Um outro problema, quicá, o maior, foi a mocidade «ratada», pois as saídas, os amigos e o convívio foram substituídos por trabalho, fazer as compras e lavar a roupa. «O meu pai é que fazia o comer», revela.

Aos 15 anos, por uma paga de 150 francos por quinzena ou por mês, — «já não me lembro», diz — dava serventia na construção civil. «Fazia 60 horas por semana e dava o dinheiro ao meu pai, cada franco valeria cerca de 5\$00, 2,5 cêntimos dos dias de hoje», recorda.

Aos 19 anos casou, porque a mulher deu-lhe qualquer coisa na barriga. «Ah! — atalha a esposa — o dinheiro que eu tinha era 600 francos escondidos num soutien, nunca mais me esquece...». Para dar sorte? «Talvez! Eu sei lá!...».

Casados há 40 anos, têm o tesouro dos dois filhos, o Leonel e o Carlos, emigrantes de uma outra geração, menos sofrida com toda a certeza.

S.C.

Maria Deolinda Sá

«Se não tivesse emigrado, hoje estava aqui nesta 'cova' e não conhecia o mundo». Com o espanhol a intrometer-se na língua materna, denunciando as cerca de quatro décadas de Argentina, Maria Deolinda (conhecida por Quinhas do Sá) reconhece: «Aqui iria morrer aos poucos».

Quando emigrou, em 1972, era já uma modista considerada, não apenas em Forjães mas nos arredores que se estendiam até Esposende e Viana do Castelo. Chegou a ter empregadas, vivia com os pais e não se queixava da falta de encomendas. A vida corria-lhe bem. «Mas aborrecia-me de aqui estar», recorda hoje, quando se lhe pro-

cura pelas razões que a levaram a aventurar-se sozinha até ao «país das pampas». Tinha então 37 anos, uma idade em que poderia parecer que os sonhos se haviam já desvanecido. Mas a Quinhas do Sá o que mais lhe «aborrecia» era um estilo de vida, um modo estar colectivo que parecia não a deixar respirar. «Nesse tempo, sair com amigas e ir até ao café Carioca para ver televisão era ser considerada tonta. Era uma questão de reputação», ri-se agora ao constatar que a sua terra mudou e que, tal como ela, também «conheceu» outros mundos...

Casou na Argentina. O marido, Emilio Faria Cruz, natural de Antas, vivia desde 1957 no país. E por isso a sua adaptação foi muito mais facilitada do que a qualquer outro emigrante que tivesse ido à aventura. Na cidade de Stº Isidro, situada 40 kms a norte de Buenos Aires, continuou a exercer a sua profissão de modista. As relações sociais do marido, que então trabalhava num colégio privado, possibilitaram-lhe um leque muito grande de contactos, dos quais resultou uma clientela de elite. «Fui uma emigrante privilegiada», sublinha. Mas não se pense que ficou indiferente à situação social daquele país. «Chocou-me a situação de miséria de pessoas a viverem em casas de latas e cartão», diz quando evoca o primeiro impacto ao aterrar em Buenos Aires. Hoje são as condições de vida de outros emigrantes, particularmente bolivianos e paraguaios, que a comovem.

Catorze anos depois, ao regressar de férias a Forjães, admirou-se das casas novas e do número de carros que circulavam na terra. «Senti alegria. Quando eu fui, aqui quase não havia trabalho, para a maioria das pessoas». E depois de ter voltado em 1997, 1999 e 2003, repara agora, em 2009, que a euforia não é tão grande: «O negócio está mais morto, como que está parado». Para a terra não voltará definitivamente. «Já tenho uma neta e os dois filhos (uma rapariga e um rapaz) têm lá toda a sua vida organizada». Mesmo assim, ainda fala das saudades que sentiu, e continua a sentir, das festas de Forjães. «Do que gostava mais era do fogo». Todavia, nunca se arrependeu de ter saído. E na memória guarda o que mais lhe agradou na Argentina: «Ali ninguém censurava a nossa vida. Lá não estão a ver o que fazemos». Se cá ficasse, «iria morrer aos poucos», reconhece.

MR

Forjães, Portugal

Sou um emigrante atípico: se na maior parte das vezes entro pela sala VIP dos aeroportos, de passaporte diplomático na mão, «em missão extraordinária de serviço público», viajando em classe executiva, chegado ao destino, confronto-me, quase sempre, com situações verdadeiramente surrealistas de falta de electricidade, água corrente, telefone..., em países em crise, em conflito, em guerra, que vivem nas mais miseráveis condições de vida.

Por ser filho e neto de emigrantes e, sobretudo, português, adapto-me com relativa facilidade a todas estas contrariedades. Se, em termos profissionais, a integração é obrigatoriamente imediata, no contacto com a realidade local necessito normalmente de um mês para me sentir «integrado» — primeiro há que escolher o «tecto», encontrar os canais de abastecimento, conhecer os riscos, aprender os costumes e a língua locais, procurar outros «portugas», viver a «vida possível», um dia de cada vez.

Para além disso, sou ainda um emigrante inconstante: emigro por «tranches» de um ou dois anos, sempre para diferentes paragens, umas vezes com um metro de neve, outras com 40°. Melhorar as condições de vida não é a prioridade. Aqui, tenho a sensação e a gratificação de me sentir mais útil, ao ajudar, ensinar, aprender, partilhar, conhecer; vivem-se experiências muito fortes e marcantes, de miséria material e moral, de intolerância, de horror; mas também, quando menos esperamos, esbarramos com quadros de ternura e de esperança que nos deixam sem fala e com menos uma lágrima.

Partir é preciso... e voltar também, sempre; na primeira vez, tinha apenas 17 anos e aquela Páscoa em

Paris mudou a minha vida, porque, de repente, o mundo ficou muito maior; depois, vieram as «férias laborais» em Cavaillon, com o Álvaro, o Nuno e o Eduardo; e na Suíça, com o Sérgio e o Zé Manel; nunca mais parei de correr mundo, seja em trabalho seja em lazer, e fiquei com amigos em todo o lado.

Custa bastante estar fora nas datas que nos dizem muito, sob o ponto de vista familiar e social; de início, tentamos sempre convencer-nos de que afinal vai ser mais um dia como os outros, mas é puro engano: se é Natal, não paramos de pensar naquele momento mágico à volta da mesa; se é «Santa Mariinha», é como se não saíssemos do adro a ouvir as bandas; se é Páscoa, estamos sempre a imaginar por onde é que andará a «cruz»!...

De comum com os emigrantes «normais», existe a distância, a ausência, a saudade: da família, dos amigos, da terra, das coisas mais simples... que tentamos minimizar com o bacalhau, o azeite e o Porto que trouxemos na mala. Em média, é muito difícil aguentar mais de um trimestre nestas condições; é por isso que nunca consulto o calendário para planear as minhas curtas férias: quando, de noite, sonho com

a q u e l a imagem do «cruzeamento» vista da varanda da casa do meu irmão, com a levada da Morena, o «arroz de netos», as tardes de domingo no «Horá-

cio de Queirós»... percebo que chegou a hora de «marcar» o bilhete.

Regressar é sempre uma sensação indescritível: a luz de Lisboa e o ar mais saboroso do mundo, o asfalto da auto-estrada, «dman» que nos arrasta para o Norte, cada vez mais verde, cada vez mais perto; a descida de S. Paio e a entrada na «capital do meu mundo».

Pelo meio, um ritual que nunca mudará — a passagem pelo «prado do repouso», onde, à chegada, venho fazer o «ponto da situação» e buscar o colo e o abraço que me faltam; e depois, à partida, quando me despeço, «levando-os» de novo, sempre comigo.

Partir provoca sempre aquela ligeira «dor de barriga», que só começa a «passar» dentro do avião, já muito perto do destino, quando me distribuem os formulários dos serviços de fronteiras; então, no espaço reservado à «morada permanente», dá-me um gozo imenso escrever em letras garrafais: FORJÃES, PORTUGAL!

Luís Coutinho



Malesherbes: mais festa que futebol

«Chegavam na sexta-feira santa. Só ficavam três dias que passavam tão depressa que ficava tudo doente com a pressa de ir embora» diz Alexandrina, esposa de Horácio Silva, recordando as idas do Forjães Sport Club (FSC) a Malesherbes. «Cheguei a ter 12 jogadores a dormir em minha casa. Era muito trabalho, principalmente para a minha mulher!». Ela confirma de pronto: «Antes de ir trabalhar, prevenia logo as minhas filhas para termos tudo pronto. No início, éramos apenas quatro famílias para os acolher.»

E histórias engraçadas? «Ui, tantas! Mas não são para ser con-

tadas para o jornal», avisa ao seu jeito Horácio Silva. «Uma vez, uns da Póvoa apareceram à meia-noite e queriam arroz de cabidela. E eu e a minha irmã fizemos! Depois, claro, ficaram mal dispostos.» — conta a esposa. Num dia de neve, o ex-emigrante teve de levar o Sérgio quase a Paris, porque o autocarro tinha partido a horas. Visivelmente emocionado, explica que «era uma alegria; nas despedidas nem podíamos falar de tão roucos» para continuar: «No início é que era... o Moinhos, o Zézinho, o Serginho, o Runa! Era uma alegria que já não há», ideia partilhada por Manuel Laranjeira, visitado pelo FSC «mais

ou menos 17 vezes», declara. «Era uma festa quando chegavam. Estávamos todos à espera do autocarro e na despedida dava sempre para chorar», deixando escapar o amor que nutre pela equipa «Ai se eu pudesse, era eu que punha a relva no campo!».

«Alguns jogadores andavam pelas ruas até às 5 da manhã e sem ponta de sede!», confidencia. Não era, porém, isso que os abatia, pois, como afirma entre risos Horácio Silva: «Mesmo bêbados, ganhavam sempre a taça! Podiam cair no meio do campo enlameado, mas que ganhavam, ganhavam».

A.M.
S.C.

Emigração

Sérgio, Sazonal, Saxon, Suíça

Estava rotundamente errada toda aquela ideia que eu havia construído acerca dos emigrantes até ter passado pela mesma experiência. Via-os chegar num *RENAULT FUEGO* ou um *VW SCIROCCO*; observava-lhes as camisas multicolores, atrevidas e irreverentes; escutava intrigado aquelas músicas só deles, tanto o *C. JÉROME*, o *CRISTOPHE* e o *MIKE BRANT* como os *SUPERTRAMP*, os *BARCLAY JAMES HARVEST* e os *DOORS*, para precipitadamente partir para uma leviana análise infundada invejosa e injusta.

Julho de 1984, 25 anos de idade. Juntamente com o Magalhães de Felgueiras, 20 contos no bolso, mochila às costas e saco cama, «bota» à boleia para a Suíça. Trabalhar e juntar para estudar um ano inteiro, seria assim durante 3 anos. Onze dias de viagem, a primeira noite, e de acordo com a tradição, na berna da estrada em *Verin*, uma outra no parque de campismo em *Égleton*, uma outra em *Grenoble*, onde um professor de Ciências Políticas tudo queria saber acerca do 25 de Abril e do Otelo – oferecer-nos-ia o melhor quarto da casa e o melhor vinho da garrafeira, bem como a possibilidade de tomar banho – uma outra em casa de um infeliz emigrante beirão, mas com as nossas batatas e o nosso bacalhau, uma outra no *auberge de jeunesse* em *Genève*, as umas outras que faltam? A essas já lhes perdi o rasto..., às vezes con-seguíamos um banho de rio, outras fedíamos «conseguidamente».

Chegado ao *Domaine du Charbonnet*, começava-se com o *abricot*, vulgo apanha do pêssego, seis dias por semana, 10 horas por dia, daí resultando 80 francos, às vezes fazíamos mais duas ou quatro a *ramasser par terre*, em seguida, e já para outros patrões, O *Édouard Dupont*, o *André*, a *pomme*, depois a *William*, a *carrotte*, a cebola e as vindimas.

Vivíamos todos juntos, com jugoslavos, espanhóis, tunisinos e brasileiros dos dois sexos, dormíamos todos numa grande camarata, tomávamos banho aos pares sem pudores ou constrangimentos, numa afronta à nossa educação pequena, de famílias pequenas, de um pequeno país.

Por fazer contas ao câmbio, passei a temporada sem comer um bife; se me perguntarem, não sei exactamente aquilo que se comia, mas cheguei com 220 contos, um par de binóculos e uma aparelhagem de música, aquele brinquedo das minhas fantasias!

Em 85, fomos cinco num *Mini* com 20 anos; em 86, fui com o Luís do Álvaro e o Faka no seu *Ford Escort*, ou, melhor dizendo, no *ND*

branco comprado ao «Maneirinhas», perfazendo ao todo uma cifra de aproximadamente 10 meses de vida daquele emigrante, que lá fora ouve e se delicia com *Nel Monteiro* e *Dino Meira*.

Além da passagem pela montanha para *Aosta*, da ida a *Milão*, da estadia em *Andorra* e da ida à praia de *Saint Tropez*, data de 1985 uma das minhas histórias mais marcantes:

No final da apanha do alperce, e para festejar a colheita, chegou de Berna Monsieur Marty, o dono do *domaine* governado pelo senhor *Combi*, o capataz. Preparou um *rizotto* acompanhado pelo vinho do *Valais*. Bem comidos e bebidos, o Pereira, dono do *Mini*, resolve descer à vila para bater numa *Mobillette* estacionada em frente ao *Fallot*. Leva o veículo ao empurrão, bufa ao balão e vai ao hospital e ao tribunal onde dialoga com o juiz:

Que s'est-il passé?

«J'ai arranqué et depuis j'ai viré et, pour ne bâter pas contre les personnes, j'ai bâte contre le velocimetre»

Et ça a été grave?

«Non, seulement la forquette du velocimetre»; «au Portugal je suis professeur et je suis beaucoup respecté, ah!»

Professeur de quoi?

«De Histuárre»

Et quelle histoire? – perguntava o *juge*, referindo-se ao acidente.

«Histuárre du Portugal, Histuárre universelle, toute l'Histuárre».

Aqui, o magistrado sorriu, enquanto o Pereira, coitado, pagou e partiu.

Onde quer que esteja um grande abraço ao Pereira, professor de todos os tipos de História e seguramente com montes delas para nos contar.

Sérgio Carvalho



O emigrante benemérito

Anabela Moreira

António Rodrigues Alves de Faria é o emigrante mais citado e considerado de Forjães. Sessenta anos depois da sua morte, a sua vida não é, contudo, suficientemente conhecida. Sabe-se que, antes de completar vinte anos de idade, já estava no Brasil, em finais do século XIX, onde se tornou o segundo mais importante empresário. O historiador Rui Faria Viana, sobrinho neto de Rodrigues de Faria, está a preparar a biografia daquele benemérito forjanense. Nesta entrevista recorda o homem que, ao elogio público, preferia o silêncio da acção em benefício dos seus conterrâneos e familiares.

Rodrigues de Faria nasceu numa família numerosa...

Sim. Foi o oitavo dos treze filhos de uma família modesta e com uma vida humilde. Os pais eram padeiros. O sustento provinha essencialmente do cultivo da terra, praticando, como a generalidade da população, uma agricultura de subsistência.

Frequentou a escola em Antas. Teve, mais tarde, outra formação académica?

Por não haver escola em Forjães, frequentou o ensino primário em S. Paio de Antas. Há quem afirme que, já no Brasil, frequentou um curso comercial. No entanto, não tenho informação que o comprove. De qualquer forma, é certo que foi um homem de grande sensibilidade cultural, convivendo com diversas personalidades do meio das letras e das artes. Se assim não fosse, como se pode justificar a inclusão dos belíssimos painéis de azulejos da autoria de Jorge Colaço, na Escola que fundou em Forjães, ou a riquíssima biblioteca particular que possuía? Rodrigues de Faria afirmava muitas vezes que «não pode haver progresso sem instrução». Só uma pessoa com grandes qualidades e um espírito evoluído, consegue ter uma visão estratégica capaz de criar e desenvolver com sabedoria aquela que foi, do conjunto das suas empresas, a principal e a que mais atenção dedicou – a Companhia de Comércio e Navegação.

Decidiu muito novo abandonar Forjães. E porquê o Brasil?

Saiu de Forjães aos 14 anos de idade para trabalhar numa importante casa comercial de mercearia e vinhos, situada na Rua de S. João, no Porto, propriedade de Domingos Gonçalves Sá, natural de Aldreu, e que na altura era o dono da Quinta de Curvos. Passado dois a três anos, embarca para o Brasil

para acompanhar um carregamento de vinho da casa comercial onde trabalhava e já não regressa, cumprindo, segundo dizem, o seu sonho. Esta ida para o Brasil, terá sido patrocinada pelo patrão, proporcionando-lhe a viagem e apoiando-o nos primeiros tempos.

Como foram esses primeiros tempos no Brasil? Em que zona do país se estabeleceu?

No Rio de Janeiro, em 1894 funda uma sociedade comercial, a «Rodrigues Faria & Cia», com a finalidade de negociar vinhos importados de Portugal. Dois anos depois, alarga o seu negócio ao comércio de «secos e molhados». Em 1903, cria uma sociedade para a exploração e comércio de sal por grosso com salinas em Cabo Frio e a «Empresa de Navegação Salina», de transporte marítimo. Mas, a mais importante das suas empresas, da qual foi sócio maioritário e gerente, foi a «Companhia de Comércio e Navegação», fundada em Outubro de 1905.

Na inauguração da Escola de Forjães, ausentou-se para não receber elogios públicos

Tanta iniciativa conferiu-lhe dimensão empresarial significativa...

De facto, ao fundar «Companhia Comércio e Navegação», torna-se um dos maiores, senão o maior, impulsionador da indústria e do comércio naval brasileiros. Além de uma importante empresa de navegação esta companhia era também um grande complexo comercial e industrial. Lê-se no relatório da empresa de 1918, publicado na *História naval brasileira*: «O capital da companhia era de 5 mil contos, constituído com o acervo das quatro empresas [associadas], representado pelo seu material flutuante, salinas e outros imóveis situados nos Estados de Sergipe, Rio Grande do Norte e Ceará e contratos diversos relativos ao negócio do sal (...) Em 1907, constrói o primeiro dique seco particular da América Latina». O dique, ainda hoje se mantém em plena operação, assim como a companhia, que actualmente ainda funciona em moldes diferentes. Sob a sua direcção, a empresa expandiu-se, chegando a possuir uma frota de vinte navios, ao ponto de ser consi-



Rodrigues de Faria, na Quinta de Curvos. Arquivo pessoal de Rui Viana

derada uma das mais importantes empresas brasileiras.

Com a fortuna adquirida no Brasil, desenvolveu acções de beneficência.

De facto. Para além de grande empreendedor, destacou a sua sensibilidade humana e que fez dele um grande benemérito, apostando na valorização e desenvolvimento da sua terra. Concedeu avultados donativos a instituições de solidariedade social, de realçar a Misericórdia de Esposende, possibilitando a execução de obras de melhoramento do existente Hospital S. Manoel e, mais tarde, a construção do novo hospital, depois conhecido como Hospital Valentim Ribeiro. Recordo, que na inauguração deste hospital, em Julho de 1916, Valentim Ribeiro da Fonseca enalteceu a figura de Rodrigues de Faria referindo «que era devido a ele (...) que a obra do Hospital tinha chegado até ao fim». O seu amor à terra e a atenção por tudo o que pudesse contribuir para o progresso e melhoria das condições de vida dos seus conterrâneos, numa época marcada pela miséria e o desemprego, levaram-no a consumir grande parte da fortuna na criação de trabalho nas Quintas de Curvos e da Infia, possibilitando o sustento a muitas famílias de Forjães e de localidades vizinhas. Cria na terra natal uma iniciativa de «Assistência aos Epidemiados Pobres» afectados pela bronco-pneumónica, com o objectivo de fornecer aos doentes roupas, medicamentos, géneros alimentícios e assistência médica diária. A ele se deve, também, a construção de diversas ruas em Esposende e Forjães. Refiro a estrada que liga Forjães a Antas e a ponte sobre o rio Neiva, ligando a freguesia de Forjães à de Alvarães.

Emigração

Uma das suas obras mais significativas foi a escola de Forjães.

Mais tarde, consciente da importância de um espaço próprio vocacionado para o ensino primário, talvez pelas dificuldades que sentira no seu tempo, ao ter que percorrer até à S. Paio d'Antas para aprender as primeiras letras, mandou construir na sua terra um magnífico edifício escolar. Equipou-o e dou-o ao Estado, sendo inaugurado a 23 de Dezembro de 1934 com a denominação de «Escolas Rodrigues de Faria». Esteve propositadamente ausente no dia da inauguração, evitando assim qualquer tentativa de elogio ou homenagem. Gostava, porém, de salientar duas grandes obras que não conseguiu concretizar. Uma, foi a construção de um bairro operário ou popular, na avenida em frente ao Hospital Valentim Ribeiro, em Esposende. Outra, foi a construção de um hospital-asilo, em Forjães. Chegou ainda a escolher o local que reunia as condições exigidas por lei. Mas quando foi para adquirir o terreno, pediram-lhe um preço por metro quadrado cem vezes mais que o seu valor normal, valor só igualado ao que era habitual pagar-se na Av. da Liberdade, em Lisboa. Perante tamanha usura, desanimou.

Mas a sua generosidade estendeu-se também à sua família.

É de salientar o grande amor à família que desde sempre manifestou. A este propósito, refira-se, a ajuda que sempre proporcionou aos irmãos, por exemplo, na aquisição de casa e na realização de diversas obras de beneficiação. Teve também preocupação com a educação e instrução dos sobrinhos, custeando todas as despesas com a sua frequência nos melhores estabelecimentos de ensino, quer no estrangeiro, como foi o caso da Morrison's Academy, em Crieff, na Escócia, quer em Portugal, de que são exemplo o

Colégio Luso-Francês, no Porto, e a Escola Académica, em Lisboa, entre outros.

Quando visita Forjães, pela primeira vez, depois de ir para o Brasil?

Existem diversas notícias nos jornais da época. Através delas, quase que podemos reconstituir as suas viagens. A primeira vez que visita Forjães foi em 1908. Salienta-se que, em Setembro desse ano, foi alvo de uma manifestação de homenagem dos forjanenses em reconhecimento dos benefícios concedidos à freguesia e especialmente à escola, na altura instalada em edifício alugado. As manifestações de agradecimento sucederam-se, sempre em privado e sem o seu conhecimento prévio, porque as rejeitaria se delas soubesse.

E quando regressou definitivamente a Forjães?

Rodrigues de Faria regressou definitivamente do Brasil por volta de 1916, devido a problemas de saúde, vendendo a sua participação na Companhia Comércio e Navegação. Nunca casou. Desde que regressou, viveu com as duas irmãs, também solteiras, Mariana e Emília, dividindo a sua estadia entre a Quinta de Curvos, em Forjães, e o palacete que construiu, em 1925, na Av. da República, em Lisboa. A Quinta de Curvos, comprou-a em 1908 a Domingos Gonçalves de Sá, o seu antigo patrão, que lhe vendeu desgostoso pelo conflito surgido com a freguesia na disputa da posse de terrenos do souto de S. Roque. No palacete de Lisboa passava grandes temporadas, sobretudo o período de Inverno. Após a morte da sua irmã Emília, em 1935, conservou-o até 1941, ano em que voltou a Forjães onde passa a viver permanentemente.

Correspondência enviada

O FORJANENSE solicitou aos cerca de duzentos assinantes que enviassem as suas vivências na terra onde trabalham. Recebemos somente cinco cartas.

José Maria Torres, «Zé Maria do Fureca», «aquele ponta esquerda que jogava a bola no Souto de S. Roque», respondeu. «Hoje o meu coração está dividido entre Argentina e Portugal. Sou feliz! A minha família está constituída». É o presidente do Clube Português de Esteban Echverría, um orgulho da comunidade lusa.

Viveu na Santa, junto ao souto, «que tinha seus belos carvalhos». «Calças remendadas e sapatos rotos. Cada meio ano, calças e camisa a estrear», lembra. «A minha infância não foi de abundância, mas de alegria!», esclarece. «Na escola, os bolos de palmatória, a sopa preparada pela tia Eufémia, o Marinho ou o Pulinha, que iam lá cortar o cabelo rente.» Invoca, com nostalgia, «a venda do tio Rogério, as partidas de sueca e patela, as zaragatas com um pouco de verdinho a mais, os mergulhos na Azenha do Guincho, no rio Neiva».

Também Mateus Morêncio recorda tempos passados, primeiro na Morena, depois na Azenha do António do Rio. Emigrou em 1967 para a França para «fugir à miséria», voltou para o serviço militar e regressou em 1974. Receia «o tempo que passa e a juventude cresce e nós emigrantes não os vemos crescer e quando voltamos de férias não os conhecemos». «Sinto que sou emigrante aqui em França e estrangeiro em Forjães», lamenta.

As notícias de Mateus Arriscado, «Mateus do Casado», chegaram do Brasil. A viagem, em 1961, durou «longos dez dias de navio». Partiu, por não querer ir para Angola. Quando chegou, trabalhou no comércio e «com os passar dos

tempos e com as minhas economias, tive a oportunidade de comprar em sociedade a primeira padaria, de nome Marialva». Lembra, saudoso, os tempos «em que aprendeu as primeiras letras, na Escola Rodrigues Faria, a azenha da calça e o café Carioca».

Marília Faria de Freitas, a residir no Brasil, conheceu Forjães em 1948, com 12 anos. Partilha a memória «das manhãs passadas ao lado da vovózinha, na cozinha com um enorme fogão de lenha, criando broas deliciosas, cujo aroma e gosto tenho presente em meus sentidos até hoje». À luz de candeeiros ou velas, brincava com os primos Mário, José Armando e Margarida. «Lá em Forjães, os dias corriam cheios de novidades e sem pressa». Recordas as «idas ao porão da casa com uma jarra para pegar o vinho, as corridas pelos campos orvalhados, a busca de batatas ou maçãs, as cerejeiras em floração, os pêssegos sumarentos, os melões junto

às pimenteiras para ganharem sabor picante, as azeitonas colhidas para um lençol.» Evoca a «branca igreja-jinha ou as festas, onde havia alegria».

Quando casou, Patrícia Soares acompanhou o marido para a Alemanha. «No espaço de uma semana passei a ser uma mulher casada, a viver numa cidade anónima, num país que não conhecia.» Hesitaram, mas o marido acreditava: «Era um simples vendedor quando chegou, hoje é Director de Vendas».

Olha para trás satisfeita. Com altos e baixos, «o facto de estarmos longe da família torna os «fardos» muito pesados». Em Novembro de 2007 «passou a ser mãe» e o filho irá para o infantário, pois «queremos que ele aprenda a língua alemã». A ideia é aprender as duas até à primária, altura de voltar a Forjães: «é o nosso grande objectivo – voltar a casa, pois o nosso medo é o de sermos considerados estrangeiros no nosso próprio país!»

Emigrantes recordam Forjães

Percorrer os espaços da terra para reconstituir memórias de infância e de juventude é o que pretende ser o encontro-convívio de emigrantes, a realizar dia 18 de Agosto. Esta iniciativa conjunta, da ACARF, Forjães Sport Clube e Junta de Freguesia, destina-se a todos os emigrantes forjanenses e famílias. Um percurso surpresa espera-nos às 9h, com saída em autocarro da sede da ACARF. À tarde, pelas 15,30h, realiza-se o tradicional jogo de futebol, seguido de uma confraternização, acompanhada de uma boa sardi-

nha. Inscrições até dia 9 de Agosto através dos seguintes contactos: ACARF - acarf1@sapo.pt, 253872385; Junta de Freguesia - 253877430; Forjães Sport Clube - 917630936; O FORJANENSE - 963896353



Editorial

Sempre as sociedades experimentaram a necessidade de se deslocarem em busca da uma mais eficaz sobrevivência. Conseguida esta, nunca nenhum grupo humano, colectiva ou individualmente, deixou de desejar ampliar as suas condições de vida.

Estar longe do seu espaço familiar e social gera constrangimentos de diversa ordem. E aqueles que, num tempo de comunicações difíceis, partiram à aventura para países longínquos, conheceram muito bem o que é estar «só no mundo», independentemente de alguns terem

conseguido possibilidades, que na pátria nunca lhes seriam permitidas.

As causas da emigração moderna estão ligadas a questões bem mais complexas: o desrespeito pelos direitos sociais, laborais e humanos. A deslocalização de empresas, em busca de matérias-primas e de mão-de-obra quase escrava, é prática habitual. Esta atitude, hoje instalada nos modelos económicos de todo o mundo, desenvolve não apenas uma exploração desenfreada dos trabalhadores mas também vagas de novos pobres em países que deixaram de satisfazer a gariân-

cia de lucros fáceis. Portugal está incluído entre estes países. Que o digam aqueles que integram as novas fornadas de emigrantes. Partem tão desiludidos quanto entram já desconfiados nos países onde procuram saída para a precariedade permanente e a desilusão de uma vida sem futuro. Raramente eles irão repetir o emigrante do século XX, que ao fugir da miséria de uma sardinha para três, conseguiu encontrar um lugar que lhe proporcionou casa e uma reforma de mais ou menos desafogo.

Nenhuma nação se pode eximir

ao relacionamento global, benéfico e entusiasmante, no que significa de conhecimento mútuo dos povos. Mas isso não deveria significar uma acumulação desmedida de lucros, sem ter em conta a respectiva correspondência na sua repartição por quem produz. Emigrar é uma decisão imemorial, que nunca deveria ser coerciva... Até porque, como sublinha Dalai Lama: «Sem a comunidade humana, nenhum ser humano isolado é capaz de sobreviver».

Mário Robalo

O FORJANENSE errou

Na última edição, na página 3, onde se lê «...entregava uma escultura por semana», deveria-se ler «entregava uma escultura por mês». A José Vale e aos nossos leitores pedimos as nossas desculpas.

Publicidade



Serralharia Lima
Aurélio Sérgio Azevedo Lima

- todo o tipo de caixilharia em alumínio
- todos os serviços em ferro
- coberturas industriais
- portas seccionadas
- automatismos

Rua da Galega_Cerqueiral / 4740-435 Forjães_Esposende
telef.: 253 872 264 / telm.: 964 157 669


“O Forjanense” encontra-se à venda
em Forjães e Esposende

Forjães: Papelaria Moderna
(Centro Comercial 2 Rosas)
Café Novo



O FORJANENSE

Esposende:
Serra da Sorte (Largo Rodrigues Sampaio)



O FORJANENSE

Deco-Int
Decorações - Interiores




Cortinas
Varões
Rolos
Verticais
Laminados
Palhinhas
Mosquiteiros
Tapetes
Candeeiros
Etc ...

Colocação e reparação de estores interiores e exteriores em alumínio e P.V.C motorizados.
Orcamentos grátis

Av. Marcelino Queirós, nº 130 – Loja 5
4740 - 448 – Forjães
Tel/Fax – 253 877 814 TLM – 918 332 917 / 917 052 671
E-mail: decoint@mail.pt



PAÇO VELHO - V.F.S. - APARTADO 583 - 4750-909 BARCELOS
TELEF. 253 809 880 - FAX 253 809 889



...A conjugação perfeita para a formação de bons condutores!

Escola de Condução
Rio Neiva, Lda

Av. 30 de Junho, 354
4740-438 Forjães
Tel: 253 87 77 70
E-mail: escolarioneiva@rj.pt



CARTONAGEM S. BRAZ, LDA.
Embalagens

Embalagens e outros artigos de Cartão Canelado
em qualquer modelo com ou sem impressão

L. Pinheiro - Rio Cave - Stª Eugénia
Tel - 253 83 00 00 / 253 83 24 21 Fax - 253 82 12 30
Apartado 430 4754-900 Barcelos


Palavras Cruzadas (soluções)

Horizontais
1º folar; prima = 2º o; alumiar; m = 3º ca; mimar; no = 4º altar; rapar = 5º rios; t; sota = 6º sr; véu; la = 7º atam; r; vala = 8º rasas; viril = 9º mr; pecar; au = 10º a; mataram; g = 11º morsa; arido =

Verticais
1º focar; armam = 2º o; alistar; o = 3º la; toras; mr = 4º almas; mapas = 5º ruir; v; seta = 6º m.m.; ter; ca = 7º piar; u; vara = 8º raras; virar = 9º ir; polar; mi = 10º m; Natália; d = 11º amora; alugo =

ESTE ESPAÇO PODE SER SEU

ANUNCIE EM



O FORJANENSE

O FORJANENSE
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES
PROPRIEDADE e EDIÇÃO: ACARF
Associação Social, Cultural, Artística e Recreativa de Forjães
Fundado em Dezembro de 1984
REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES - Ctr. n.º 501524614
Telef. 253 87 23 85 - Fax 253 87 10 30
e-mail: acarf@sapo.pt



DIRECTOR: Sérgio Carvalho
carvalho_sergio@sapo.pt
SUBDIRECTOR: Mário Robalo
mario_robalo@sapo.pt
CONSELHO CONSULTIVO: Fátima Vieira (ACARF), Mário Dias (Paróquia), Andreia Cruz Dias (PSD), José Manuel Neiva (PS), Basílio Torres (Prof. EBI), Rui Laranjeira (estudante EBI), Arlindo Tomás (FSC), Paula Cruz, Sílvia Cruz Silva, Alfredo Moreira e José Salvador.
COLABORADORES PERMANENTES: Pe. A. Silvío Couto, Armando Couto Pereira, Carmen Ribeiro (Fundação Lar de Santo António), Pe. José Alves Martins (Timor), Junta de Freguesia de Forjães, Luís Baeta, Manuel António Torres Jacques(França), Maria Mota, Olímpia Pinheiro, Paulo Lima

(EBI Forjães), Regina Corrêa de Lacerda (Lisboa), Rita Braga, Vânia Aidé e Felicidade Vale, Bruno Lima e educadoras da ACARF.

REDACÇÃO E FOTOGRAFIA: Anabela Moreira e Luís Pedro Ribeiro.

SECRETARIADO E PAGINAÇÃO: Eduarda Sampaio e Fátima Vieira.

ASSINATURA ANUAL (11 números)

PAÍS: 9 Euros; **EUROPA:** 17 Euros; **RESTO DO MUNDO:** 20 Euros
Registado no Instituto da Comunicação Social sob o nº 110650

TIRAGEM - 1.650 Ex. (Sai em meados de cada mês)

IMPRESSÃO: EMPRESA DIÁRIO DO MINHO, Lda

Rua de Stª Margarida, 4 A / 4710-306 Braga / Tel. 253 609460 / Fax. 253 609 465 / Contribuinte 504 443 135

www.diariodominho.pt / lfonseca@diariodominho.pt

Comunidade paroquial

Bento XVI: nova encíclica sobre temas sociais

Pe. José Ferreira Ledo



Os temas sociais estão no centro da terceira encíclica de Bento XVI, intitulada «Caritas in veritate» (Caridade na Verdade), cuja publicação foi há dias anunciada pelo Papa aos peregrinos concentrados na Praça de S. Pedro, no Vaticano.

A encíclica, que tem a data de 29 de Junho, dia de São Pedro e de

São Paulo, visa «aprofundar alguns aspectos do desenvolvimento integral» na época actual, «à luz da caridade na verdade», afirmou Bento XVI.

Neste documento pastoral, o Papa retoma temas tratados por Paulo VI em 1967 na encíclica «Populorum Progressio», referência para a Doutrina Social da Igreja.

Ao fazer o anúncio de encíclica, Bento XVI pediu orações para o novo contributo que a Igreja Católica «oferece à humanidade, no seu empenho por um progresso sustentável, no pleno respeito pela dignidade humana e pelas reais exigências de todos».

No final de Fevereiro deste ano, já em plena crise financeira, o Papa tinha anunciado que iria tratar deste assunto numa encíclica, prometendo denunciar as «injustiças económicas» e «erros fundamentais» que conduziram à crise, que considerou ser o resultado da «avareza humana e da idolatria», em que se substituiu o «verdadeiro Deus pelo deus da avareza».

Esta é a terceira encíclica de Bento XVI, que tem produzido estes documentos pastorais de dois em dois anos. Em Dezembro de 2005 anunciou a publicação da primeira encíclica do seu pontificado, «Deus caritas» (Deus é Amor), seguida, em Novembro de 2007, por «Spe salvi» (Salvos na esperança).

D. Manuel Linda, novo bispo auxiliar de Braga

Nasceu a 15 de Abril de 1956, na freguesia de Paus, concelho de Resende, distrito de Viseu e diocese de Lamego.

Ordenado sacerdote a 10 de Junho de 1981, é actualmente o Reitor do Seminário de Vila Real e Vigário Episcopal da Cultura, membro do Conselho Presbiteral e do Colégio de Consultores e uma figura de destaque da diocese de Vila Real e de grande prestígio na região. Empenhado em dialogar com a cultura dita laica e em promover a cultura da fé.

O novo bispo, logo que soube da sua nomeação pelo Papa Bento XVI, escreveu uma carta dirigida ao D. Jorge Ortiga, arcebispo primaz e à Arquidiocese, que transcrevemos na íntegra:

«Neste momento em que se torna pública a minha nomeação para bispo auxiliar de Braga, ressoam, com insistência, na minha mente, as palavras com que o Santo Padre Bento XVI se apresentou ao mundo após a sua eleição como Bispo de Roma e Pastor universal e que me atrevo de parafrasear: fui escolhido para este ministério sem o esperar, pois nunca passei de um humilde servo na vinha do Senhor. Mas aceite-o na alegria do serviço à Igreja e da edificação do Reino de Deus, na certeza de que nunca me faltarão a graça divina e a compreensão humana. Agradeço a Sua Santidade o

Papa a confiança em mim depositada. Espero não defraudar. Ser-ei fiel ao seu magistério. Com ele e sob a sua guia, anunciarei a todos a ressurreição do Senhor Jesus Cristo, verdade central de fé em que acredito plenamente.

Sinto-me feliz por ir auxiliar o Senhor Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga a quem saúdo afectuosamente. A longa e sólida amizade que, imerecidamente me dedica, obterá da minha parte, como resposta, efectiva e afectiva colaboração. Estendo esta saudação ao senhor D. António Couto, desde longa data, colega no estudo e no ensino, e agora também no ministério episcopal. Aprenderei com a sabedoria e dedicação de ambos. Cumprimento igualmente, o Arcebispo Emérito, Senhor D. Eurico, bem como D. Carlos.

Saúdo afectuosamente todos e cada um dos fiéis em Cristo que formam a Igreja bracarense. Penso nos que, porventura, possam sofrer com a doença, o desemprego, o peso da idade, a falta de esperança e o desânimo. Garanto-lhe a minha solidariedade. E, penso, também, nas crianças, nos adolescentes e nos jovens, nos que se dedicam à 'nobre arte da política', nos que humanizam o mundo pela comunicação social, nos expoentes do ensino e da cultura, com especial para as Universidades do Minho e Católica.

Saúdo os cristãos de outras

Igrejas, os não-cristãos e os não-crentes: mesmo que a pertença religiosa não seja a mesma, ligamos a pura humanidade por todos partilhada.

Uma saudação especialíssima aos Presbíteros, aos Diáconos, aos Religiosos e Religiosas e aos seminaristas, os sectores com que a graça de Deus me tem posto mais em contacto. Penso em todos, mormente nos Párocos e nos que asseguram o funcionamento dos órgãos centrais da Arquidiocese. Obviamente, seja-me permitido destacar o ilustríssimo Cabido Metropolitano e Primacial Bracarense. Conto com a vossa amizade, contai também com a minha.

A minha missão será simples: auxiliar o Senhor D. Jorge no que ele necessitar. O que posso dizer é que penso desempenhar o meu ministério na alegria e na esperança, no optimismo e na amizade fraterna. Assim Deus me ajude. Invoco, ainda, a protecção de Santa Maria de Braga, a Senhora do Sameiro.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco, irmãos».

P. Manuel Linda, eleito Bispo Auxiliar de Braga.

A ordenação episcopal do pe. Manuel Linda, deverá acontecer na tarde do dia 20 de Setembro, na Sé Catedral de Vila Real.

A Igreja e a crise

Os portugueses sofrem na pele as consequências da crise que se abateu sobre a economia, mas já começam a ficar imunes ao autêntico bombardeamento noticioso que todos os dias explora o tema das mais diversas maneiras. Neste conjunto de notícias, histórias, dramas e casos de polícia entram, também, as receitas mais ou menos milagrosas que muitos daqueles que não deram pela crise a rebentar querem agora apresentar para se sair da mesma.

A Igreja Católica, ao reflectir sobre estes temas, deve evitar aparecer como mais uma «recetadora» perante a crise, até porque o seu notável trabalho junto daqueles que mais sofrem a torna uma voz mais autorizada do que a daqueles que têm da pobreza apenas a imagem que lhes chega pela televisão ou pelas fotos dos jornais.

Ao pedir uma nova pedagogia social, na sequência das suas últimas Jornadas Pastorais – num documento conclusivo que vale a pena ler com atenção – os bispos do nosso país admitiam que as profundas mudanças que vivemos obrigam a inovação e criatividade. A crise é nova e seria impensável usar receitas do passado – lá está – para a tentar resolver.

Verdade seja dita, neste novo paradigma de vida cabem muitos valores que a Igreja sempre defendeu para as suas comunidades e para

a sociedade. Por algum motivo, e apesar de uma grande maioria da população se declarar católica, a mensagem não passou e isso seria um motivo de reflexão muito séria num país com mais de 2 milhões de pobres.

«Ser católico» poderia pura e simplesmente surgir como caminho que os líderes da Igreja têm a apontar aos seus fiéis, desde que se tirassem dessa profissão de fé e de estilo de vida todas as suas consequências políticas, sociais, económicas e culturais. O pudor com que muitos abordam o seu catolicismo na praça pública torna menos visível esta dinâmica de cidadania, que está presente nos baptizados que assumem a fundo esta condição.

A desilusão gerada pelo fim do ano civil, na vida mundial, torna ainda mais pertinente a mensagem de esperança que está contida na fé cristã, uma esperança mais transformadora do que geradora de pessoas acomodadas, à espera do fim dos tempos, indiferentes ao correr dos dias.

A nova encíclica de Bento XVI poderá vir, neste contexto, a ser um sinal gigante desta atenção da Igreja aos efeitos da crise, com um conjunto importante de orientações e estímulos em tempos novos, ainda com desfecho incerto.

Octávio Carmo
(in Agência Ecclesia)

Baptismos

28/06 – Afonso Quintão de Araújo, filho de Paulo António Pereira Araújo e de Madalena Maria Queirós Quintão.

28/06 – Tomás Quintão Araújo, filho de Paulo António Pereira Araújo e de Madalena Maria Queirós Quintão.

28/06 – Gabriel Quintão de Araújo, filho de Paulo António Pereira Araújo e de Madalena Maria Queirós Quintão.

11/07 – Valentim Rego Buzdugan, filho de Jani César do Rego e de Vasilica Buzdugan.

Óbitos

11/05 – David Fernandes Lima, de 73 anos de idade, residente na Rua de S. Roque nº190.

27/06 – Manuel Pedro Soares Pereira, de 45 anos de idade, residente na Rua de Pires.

Casamento

12/07 – César Augusto Dias Costa e Sandrine Dias Jaques, ele de Fragoso, Barcelos e ela de Forjães.

FUB

Declaração

NATÁLIA MARIA FARIA RODRIGUES declara, para os devidos efeitos, que por instrumento de revogação de procuração outorgado em 14 de Julho de 2009, no Cartório Notarial de Cristina Conceição, no Entroncamento, REVOGOU A PROCURAÇÃO com o nº 90/2004, outorgada em 11/03/2004 no Consulado de Portugal em Marseilha, a favor de ANTÓNIO LIMA DA CRUZ, casado, residente no lugar da igreja em Forjães, Esposende, NIF 179 410 261, titular do bilhete de identidade nº 6904955.

Publicidade

AUTO DETALHE

REPARAÇÃO E MANUTENÇÃO

MANUTENÇÃO DE FROTA
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMPRESAS
CONSULTE-NOS

mecânica	manutenção geral recalibração de válvulas e câmbios de tráfego	electricidade	manutenção elétrica instalação / teste / reparo	ar condicionado	diagnóstico, reparação e manutenção de sistemas, substituição e limpeza de componentes e recarga de gás
chaparia	banho de ultrassom de limpeza	pneus	montagem, alinhamento, calibragem		
pintura	tratamento de pintura atuação em carboximetilcelulose	manutenção	serviços de lubrificação e câmbios, troca de óleo		

Rua dos Barreiros, 164 - 4740-439 Forjães - Esposende
Tel. 253 877600 / 253 877 601 Fax 253 877 602 - Tlm. 965 017 006

O TEAR

- TÊXTEIS LAR COELIMA E OUTRAS
- LINGERIE TRIUMPH, SLOGGI, SIMEL
- TUDO EM ROUPAS INTERIORES, MEIAS E COLLANTS
- PERFUMES VÁRIAS MARCAS
- PEÇAS DECORATIVAS E UTILITÁRIAS
- LINHOS, LOUÇAS DE VIANA, CRISTAIS, ETC

REPRESENTANTE DAS MARCAS TRIUMPH, SLOGGI, E COELIMA

RUA DE PINHEIRO Nº 153, 3.º ANDAR - FORJÃES. Telefone: 253872899

Confeitaria

MARBELA

BOMBONARIA

ARTE EM DOCE

ESPECIALIDADES DA CASA E REGIONAIS

QUALIDADE • TRADIÇÃO • INOVAÇÃO

Rua 1.ª de Dezembro, 71 • Telefone 253963274 • 4740-226 ESPOSENDE

CONFEITARIA PRIMOROSA:
Praça do Município, 7 • Telefone 253981583 • 4740-223 ESPOSENDE

de José Manuel da Costa Torres

ALTA MIRA

Moda Jovem

Visite-nos

Qualidade invejável - Preços imbatíveis

Boucinho - Forjães - Tel - 253 87 16 87

CASA PEREIRA

Tel - 253 87 17 19

Drogas - Ferragens, etc
Tudo para Casa e Jardim
Venda de árvores de fruto

Malhas Roselã

Lingerie:
Sinal, Seimark, Evelyn
Agente Figfort
Interiores:
Collants e Pijamas, etc.

Lãs e linhas:
Bordar Anchor (DMC)
Arracolos, Tricot e
Crochet, etc.

Malhas:
Confeção p/ medida
à mão e à máquina
Modelos exclusivos

Roupas de Bebê:
Malha
Algodão
Acessórios

Material:
Agoalhar, Lã, lã de
jato, quodril, etc.

Agente de Lavandaria
**BONS PREÇOS
VISITE-NOS**

Avenida 30 de Junho, 114
4740-438 Forjães (ESP)
Telef: 253877275 Fax: 253877375
e-mail: malhasrosela@hotmail.com

– Energia solar fotovoltaica
– Energia solar térmica
– Energia geotérmica
– Energia aerotérmica

Rua da Corujeira, n.º470, Forjães
4740-442 – Esposende
Tel. / Fax: 253 877 135
e-mail: saniluz@gmail.com

CAFÉ NOVO

de Domingos T. Cruz

- Café Snack Bar
- Distribuidor PANRICO
- Agente Totoloto - Totobola - Joker- Euromilhões

Rua 30 de Junho - 4740 Forjães
253 87 21 46

PADARIA SÁ

de Francisco de Sá

Fabrico diário de pão de milho, pão de trigo, regueifa, etc.

Rua da Calça, n.º 74
Lugar da Madorra
4740 Forjães

253 87 15 94

ESTE ESPAÇO PODE SER SEU

ANUNCIE EM

O FORJANENSE

Instituto Português da Juventude

Rua Santa Margarida, 6
4740 Forjães

Tel. 253 204250 // Fax 253 204259

Com o apoio: Programa de Apoio as Associações Juvenis (PAAJ)
email: ipj.braga@mail.telepac.pt // http://www.sejuventude.pt

Aniversário



Memórias de amanhã: 20 anos de vila

Celebraram-se cinco dias a **Reviver Forjães**, tema escolhido para as comemorações do 20º aniversário da elevação a vila. Foi tempo de se convocarem as vontades, entusiasmarem os corações e recordarem todos os amantes da terra
Fotos de Luís Pedro Ribeiro

Olho mágico

O I Workshop de Introdução à Fotografia Digital realizou-se nos dias 11 e 12 deste mês. Esta iniciativa da ACARF foi um sucesso: 26 participantes, que se empenharam na aprendizagem de princípios básicos da técnica fotográfica e na realização de exercícios práticos, como testemunham as fotos ao lado. *(ver pág. 13)*



Aniversário



A Escola EBI de Forjães levou, dia 19, à cena uma adaptação do conto de Jorge Amado, **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá**, sob o título de «O amor não tem cor...».

O projecto foi concebido por professores e alunos, tendo sido aberto a toda a comunidade educativa, numa concretização do que diz Célestin Freinet, pedagogo francês:

a verdadeira Escola é aquela que ultrapassa os muros físicos do edifício. Durante mais de três décadas, o pe. Justino Moreira dedicou o seu quotidiano e as suas energias

à população de Forjães. Com a assinatura da família Mendanha (António, o pai, Nuno e Vânia, os filhos), foi inaugurada dia 30, uma escultura daquele antigo pároco.

Foi visível a emoção dos forjanenses com a «presença» do pe. Justino, como que aparecido no adro para saudar os presentes, estendendo-lhes a mão. →



Aniversário



As celebrações de elevação a vila proporcionaram momentos de convívio e de reconhecimento: ao trabalho dos antigos presidentes da Junta de Freguesia e à arte poética forjanense. Festejou-se a actual renovação urbana e desvendaram-se memórias de Forjães e das suas gentes.



Inauguração da Av. de Sta. Marinha com a presença de Benjamim Pereira, presidente da autarquia forjanense e João Cepa, presidente da Câmara de Esposende, foto acima. Homenagem aos ex-autarcas forjanenses, fotos à esquerda: Ricardo Torres, Serafim Torres, Fernando Jorge Almeida (em representação do pai, Álvaro Almeida) e Sílvio Abreu. Na cerimónia estiveram presentes Horácio Lages (presidente de Assembleia de Freguesia, em 1989), Emília Vilarinho, vencedora da Cultura do município, Couto dos Santos, Benjamim Pereira e Gil Abreu.

«O Zé tem a capacidade de olhar para o céu e brincar com as estrelas». Sérgio Carvalho definiu assim a poesia de Armando Couto Pereira na apresentação de *Anoiteceres*. O Centro Cultural (CC) encheu-se para conhecer o novo livro daquele poeta forjanense, ilustrado por Eduarda Sá. Naquela noite de 26 de Junho, foi também inaugurada no CC «Um olhar sobre Forjães». A exposição recupera imagens de um quotidiano rural de mais de 25 anos, colocadas em confronto com fotografias actuais de Luís Pedro Ribeiro. A iniciativa, que resulta de uma parceria da ACARF com a autarquia, está patente até ao fim de Agosto.



Ao som das concertinas

Oh Minho verde cheio de belezas
E de míticas árvores outonais
Onde sob elas amaram princesas
Onde em silêncio dormitam pardais!...

Oh Minho das festas e das rotárias,
Dos sonhos dos namorados na igreja,
Dos odores que vem lá das serranias,
Dessa gente que ama aquilo que deseja!...

Da beleza dos milheirais em podão,
Das capelas que prendem nosso coração,
Do luar que nossas almas descortinas!...

Ou do ecoar dos sons dos realejos
Que fazem crescer em mim mil desejos
Que ao partir seja ao som das concertinas!...

Armando Couto Pereira
In *Anoiteceres*

18 de Julho

Todos os anos se celebra. Mas é sempre diferente, quer pela criatividade dos andores quer pela originalidade das cenas retratadas na parada. É a festa!



Procissão em honra de Stª. Marinha e o folguedo dos «Zés Peiteiras» de S. Paio de Antas



Retratam-se tradições já perdidas, como a da forja: o fogo amacia o ferro e suam os rostos



O jovem executa o ancestral instrumento. E na 'Venda do Tem Tudo' solta-se o imaginário

Olho mágico

(continuação da pág. 10)



No domingo, dia 12, a caminhada pela Natureza serviu para pôr à prova os conhecimentos adquiridos na véspera, além de demonstrar que as boas fotografias estão ao alcance de qualquer um. O número de participantes e o interesse demonstrado por todos eles leva a equipa organizadora a pensar na possibilidade de se dar continuidade a este projecto. A ACARF sublinha a dedicação daqueles 26 «alunos», lançando o desafio para que outros se atrevam a tirar as máquinas da prateleira e soltar o génio criativo que há em cada um.





Nós e o Ensino:

uma reflexão para as férias

Nos últimos tempos, as nossas televisões têm mantido quase diariamente nos seus blocos informativos a questão ensino/professores, o que desde logo levanta e sugere várias interrogações.

Talvez este emaranhado de informações me tenha obrigado (inconscientemente) a uma pequena análise (pessoal) sobre o ensino em Portugal, particularmente o da nossa terra.

Não é a minha modesta opinião que conta, nem é esta que vai mudar o nosso ensino, mas talvez possa contribuir para uma maior consciencialização das pessoas, particularmente nós pais, a estarmos atentos à problemática do ensino, essencialmente do ensino nas escolas frequentadas pelos nossos filhos.

No meu tempo de estudante, em Portugal não se tinha uma visão abrangente como a actual, era muito mais curta, era um faz de conta, uma espécie de coisa rara para os predestinados, os mais abastados (de boas famílias), mesmo que fossem cultural e intelectualmente mais limitados.

As limitações de acesso ao ensino no nosso País eram de várias ordens: cultural (fraco nível de escolaridade dos pais), económica e até

política (separação de classes) etc., o que contribuiu para o aparecimento de uma imensidão de analfabetos em Portugal, que se prolongou até ao nosso tempo, com as nefastas consequências que todos conhecemos e de cujos reflexos ainda sofremos.

Paralelamente a estes factos, o ensino vivia na arrogância, na prepotência, no medo e na posição dominante dos professores (classe diferenciada), que impunham as suas directrizes e as suas regras, utilizando, por vezes, a violência barata, própria de quem está no poder (salvo excepções) e se sente protegido.

Provavelmente muitos não estarão de acordo com aquilo que escrevo e até dirão que era um bom ensino, que havia respeito e ordem, que se muitos não aprenderam foi porque não quiseram ou não souberam, como se estes predicados necessitassem de autoritarismo ou mesmo de alguma imposição. Naturalmente que respeito essa opinião, mas não concordo e por isso aqui manifesto a minha. Para sermos solícitos, respeitadores e tolerantes não são obrigatórias imposições de qualquer espécie, basta pormos em prática tudo aquilo que nos marca e nos diferencia.

Hoje o ensino está diferente, entendem muitos que melhor, outros que pior, mas o que ressalta à vista de todos é que mudou. Já não existem aquelas limitações aqui enumeradas, existem outras naturalmente e, entre elas, emerge o exagero em que caímos (o inverso do antiga-

mente), de não respeitar nada nem ninguém e muito menos os professores, que são vistos por alguns, como alguém com pouca importância (o que só mostra o quanto limitados estamos). Os professores estão a ser desrespeitados, perderam a autoridade própria de quem ensina. A desvalorização dos professores pela sociedade só pode causar estragos a ela mesma (aos alunos), por isso todos temos que fazer um esforço que leve a um paulatino desanuiamento deste tão sombrio panorama.

Se não vejamos: os professores já não utilizam meios violentos, servem-se deles alunos e alguns pais contra os professores; os professores já não metem medo, são os alunos e alguns pais quem assusta os professores; os professores não podem tocar num aluno, podem os alunos e os pais agredir os professores; já caiu a arrogância, a prepotência e posição dominante, reina agora o vandalismo a insurreição de alguns alunos. Já nada é como dantes, mas convenhamos que esta fórmula de ensino não é o ideal e muito menos aquela que nos pode levar ao patamar dos países culturalmente mais adiantados.

Nestes tempos (modernos) não é raro vermos pais a transformarem os seus filhos (exageradamente) numa espécie de coisa rara, de flor intocável que não se toca nem se cheira porque murcha, que tem de marcar a diferença, por isso já leva o telemóvel para a escola, liga-o, faz chamadas, tira fotografias para depois usar a seu

belo prazer, tudo isto num local que deveria ser sagrado em termos de estudo, de respeito para com o professor e os outros alunos. No fundo, obrigam o professor a ser um mero empregado cumpridor das rotinas e dos deveres.

A sociedade transformou-se, mas nós, pais, não devemos, nem podemos perder a noção da nossa responsabilização enquanto pais e chefes de família, teremos necessariamente que manter o conceito de família bem enraizado e com princípios, onde impere a tolerância e o respeito pelo outro, para que não surjam desvios e desmandos que nos poderão causar amargos de boca. Não podemos e não devemos enjear ou delegar nos outros (professores) aquilo que é da nossa inteira responsabilidade. Não podemos fazer de avestruz, antes pelo contrário, devemos estar atentos a todos os sinais que nos possam alertar para possíveis problemas.

Aproveitemos as férias que se aproximam, para nos debruçar e reflectir sobre toda a envolvimento do ensino nas escolas. Todos temos responsabilidades acrescidas nesta matéria, por isso precisamos de ser solícitos, cooperantes, interventivos, dialogantes com uma visão de futuro abrangente e moderna, para definirmos com exactidão tudo aquilo que efectivamente possa contribuir para uma melhoria substancial e gradual do ensino ministrado aos nossos filhos.

Luís Paes formando do Curso EFA NS

ALAAR e o Cantinho dos Animais



No âmbito da área curricular não disciplinar de Formação Cívica, os alunos do 8ºA da EBI de Forjães desenvolveram um projecto de apoio aos animais de rua em parceria com a ALAAR (Associação Limiana dos Amigos dos Animais de Rua).

Este projecto iniciou-se no 2º período, prolongando-se até ao final do ano lectivo. A turma foi dividida em pequenos grupos, cada um com tarefas distintas a efectuar.

Com base nas tarefas distribuídas, os grupos começaram a trabalhar em power-points, cartazes e panfletos para divulgar os Direitos dos Animais.

O Cantinho dos Animais participou também na iniciativa cultural "Educar para o Empreendedorismo" que teve lugar na escola, no dia 5 de Junho de 2009. Juntamente com a actividade de divulgação dos Direitos dos Animais foi também realizado um treino de cães promovido pela DogMundo, o qual teve grande sucesso.

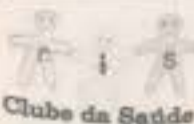
Com interesse em visitar a instituição e em arrecadar mais donativos para ajuda dos animais, a turma organizou uma banca na Feira de S. Roque, com produtos de compra cedidos pela ALAAR e pelos alunos.

Foi então que no dia 2 de Julho de 2009, os alunos se deslocaram até à instituição, localizada em Cepões, Ponte de Lima, onde puderam conhecer os animais bem como passeá-los e brincar com eles.

O sucesso desta actividade só foi conseguido devido ao contributo da Escola, da Comunidade Forjanense, da D. Zulmira Marinho da ALAAR e do Sr. António Barbosa da DogMundo.

Aqui fica um Obrigado para todos aqueles que nos ajudaram.

Adriana Quintão e Catarina Figueira, EA



Um Final... sem Fim!

Este Clube da Saúde que, durante mais de dois anos, dinamizou os assuntos da área da saúde... acabou. Terminámos o 9º ano e vamos embora.

Durante estes dois anos, divertimo-nos muito!!!

Este Clube organizou palestras sobre o Vírus do Papiloma Humano (VPH), distribuiu informação, organizou exposições, produziu e realizou pequenos vídeos que colocou no site da escola, associou-se a várias iniciativas internas, participou em concursos...

Penso que o Clube funcionou bem e todos os membros foram aplicados.

O que mais gostei foi da formação que tive em primeiros socorros!

Espero que, para o ano, o responsável por este Clube o dignifique, tal como nós fizemos, e que dê continuidade ao nosso trabalho. O "Clube da Saúde" vai continuar e isto é, apenas, um final... sem fim!

Quem vier, aplique a nossa máxima: "Vamos tratar da tua saúde!"

Tratem-lhes da saúde e vão divertir-se, de certeza!

Aqueles que nos ajudaram — e foram todos — OBRIGADO!

Diogo Ribeiro, 9ºB
(ainda membro deste Clube da Saúde)

O Tabagismo

O que é?

É um dos grandes inimigos da saúde e um dos responsáveis pela diminuição do tempo de vida das pessoas. O fumo do tabaco contém cerca de 4000 produtos químicos, alguns dos quais são particularmente perigosos para a saúde.

Os fumadores apresentam, em maior grau, problemas de saúde relacionados com:

- Perturbações nervosas e sensoriais;
- Alterações respiratórias e circulatórias;
- Pele seca e com rugas;
- Dentes amarelos;
- Vários tipos de cancro estão associados ao consumo do tabaco, assim como as bronquites, as úlceras e as doenças cardiovasculares e respiratórias, infertilidade na mulher e impotência no homem.



Efeitos do fumo do tabaco no nosso organismo



Consequências sociais da intoxicação pelo tabaco

O tabaco tem consequências não só para a pessoa que fuma mas para toda a sociedade. Mesmo um não fumador, num ambiente de fumo, corre riscos semelhantes ao de um fumador - fumador passivo.

Os custos no país pelo consumo do tabaco são elevadíssimos:



- Despesas devidas ao internamento;
- Paragem no trabalho;
- Reforma antecipada.



Quando uma mulher grávida fuma: a nicotina e o monóxido de carbono passam do sangue da mãe para o sangue do futuro bebé. O tabaco tem assim uma acção nociva sobre o novo ser que se está a formar.

PENSA BEM... PARA NUNCA FUMARES

Não vale a pena experimentar: Quem nos oferece é quem não quer estar só no seu erro. Não é sinal de crescimento: Pergunta a um adulto que fuma o que pensa disso. Não cometas os erros dos outros. Dizer não é um acto inteligente...


Se deixar de fumar... melhorará a sua saúde:

Alunas de Enfermagem do 4º Ano da Universidade Fernando Pessoa - Unidade de Ponte de Lima
Cláudia Pires
Sofia Carvalho

ACTIVIDADE INTERNA

2008/2009

Desporto Escolar

Megasprint, Prova escolar de orientação, Torneios professores/alunos, Corta-mato, Basquetebol 3x3, Torneio de Basquetebol, Torneio de Voleibol, Torneio de Badmington, Torneio de Ténis de mesa, actividades de Escalada, actividade de Rugby, Caminhada...  Alunos que se evidenciaram no Desporto Escolar



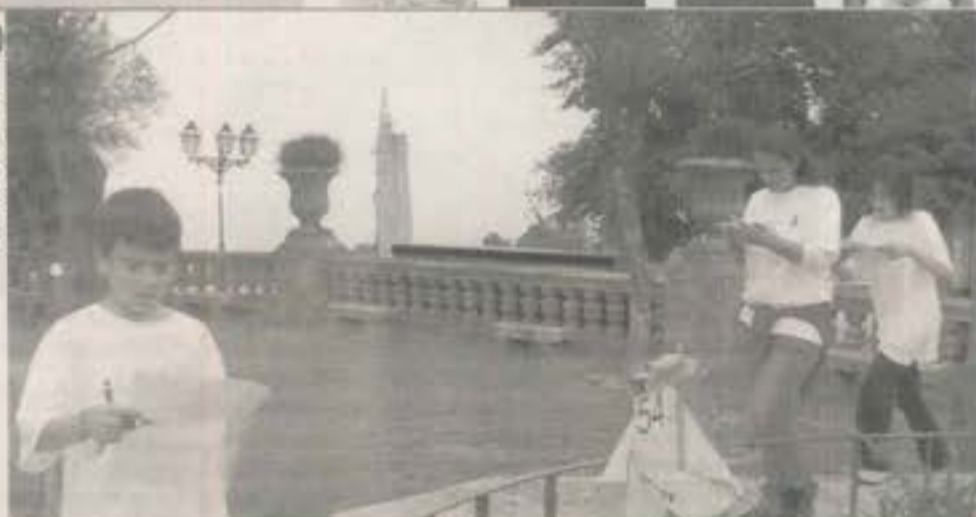
Este ano foram eles, para o ano podes ser Tu!! Participa! Estas actividades desportivas são organizadas para ti...!! **Parabéns:** Sara Torres (Voleibol Inf.), Miguel Predigão (Badmington), Renato Sá (Orientação) e Cátia Rodrigues (Voleibol Inic.).

E tu?... Onde estiveste???



Prova de Encerramento de ORIENTAÇÃO

Para encerrar a época da modalidade de Orientação do Desporto Escolar da EBI de Forjães, a equipa, merecedora deste prémio, escolheu realizar uma prova local, no Sameiro, e com almoço no *McDonalds*. Com saída pelas 9 horas do dia 23 de Maio, com a presença de 28 "atletas", em transporte cedido pela ACARF em direcção à cidade dos



Arcebispos... Esta prova foi organizada, e bem, pelo Clube de Orientação do Minho (.COM). Foi uma manhã e início de tarde muito animadas! Toda a equipa estava empenhada em realizar uma boa prova e desfrutar de um espaço natural envolvente muito bonito e convidativo a uma visita ao Santuário. Até o estado do tempo ajudou, pois estava



ameno e sem chuva... Os percursos traçados eram de dificuldade média/alta, e alguns alunos sentiram dificuldades em terminar a prova com um bom tempo, fazendo alguns erros técnicos... Mas fez crescer água na boca para o almoço, também tão esperado! No almoço, não esconderam a fome e comeram... comeram...riram e divertiram-se no parque de diversões do exterior do *McDonalds*. Foi assim a nossa despedida, com sabor a pouco e a saudade!



Agradecemos ao Ruben Quintão e à Sara Lima pela sua preciosa ajuda e participação activa nesta actividade.

Todos estes alunos e interessados podem inscrever-se como atletas federados no clube da ACARF, que inicia os trabalhos em Setembro deste ano. Apareçam.

Anabela Freitas

CORTA-MATO: a turma mais participativa do 2º ciclo foi o 5ªA e do 3º ciclo foi o 7ºC. Ambas receberam um MP4!!



Se correres... vais apanhá-los!!

RUGBY - Uma nova experiência



O Tag - Rugby enquanto adaptação da modalidade conhecida por rugby, também é uma modalidade que promete crescer na EBI de Forjães. Em resultado de protocolo estabelecido entre a EBIF, a Federação de Rugby e a dinâmica imprimida pelo professor Alfredo Azevedo, os resultados desportivos (e não só) começaram a aparecer. No Distrital de Braga, disputado em Guimarães no complexo "Irmãos Castro", a equipa representante da EBI de Forjães, constituída pelos alunos Dary Sá, Andreia Novo, André Silva, Cláudia Rabaldinho, Steven Pereira, Fábio Moura e capitaneada pelo aguerrido Hélder Lima, fez uma "gracinha" e levou de vencida os restantes opositores. Seguiu-se a representação do distrito de Braga no escalão de Juvenis no Nacional a disputar no mítico Estádio Nacional (Jamor), a cargo da EBI de Forjães, no dia 30 de Maio. Aí, os nossos jovens atletas, a dar os primeiros passos numa modalidade pouco divulgada mas muito exigente, não se fizeram rogados. Vai daí, encheram-se de razões e brio e levaram de vencida todos os opositores. Em cima de um aprazível tapete verde, mas debaixo de uma temperatura e sol escaldante, num ápice, com determinação e querer, subjugaram os diferentes opositores (foram quatro equipas). Conquistada a glória, foram com igual determinação em busca dos despojos (entenda-se troféus). Recolhidas as lembranças e medalhas e depois das "fotos da praxe" foi o regresso até Forjães. A Viagem foi uma "tortura": a valente e destemida equipa de "Tag-Rugby" soçobrou perante os 300 km de viagem. Pudera..., deixou toda a energia e alento no tapete verde daquele jardim lisboeta que se chama Estádio Nacional.

A.Lopes



Notícias ACARF

Passeio anual: um dia no oceanário e no parque



O passeio anual das meninas e dos meninos da creche da ACARF foi uma alegria. Dia 15 deste mês, saíram de manhã contentes da vida por irem visitar o novo oceanário «Sea Life», no Porto. A felicidade daquelas quatro dezenas de crianças foi apreciarem, com os olhos esbugalhados de curiosidade, os peixes fantásticos e as cores que o fundo dos mares revela. A tímida e simpática estrela-do-mar foi possível acariciar e ao tubarão

reservou-se o «respeito»...

Mas não ficaram por aqui os momentos fantásticos daquele dia. O Parque da Cidade (Porto) foi o lugar escolhido pelas Educadoras para os miúdos saborearem o almocinho e... um gelado. Brincadeiras na relva, a descoberta de flores e o fascínio dos patos: que grande dia. «Chegaram cansados, mas felizes!», exclamaram as Educadoras. Nunca mais as crianças esquecerão aquele dia.

Ação de sensibilização

As crianças do ATL que frequentam a ACARF escutaram com atenção as informações sobre segurança e prevenção dadas por um elemento da Escola Segura, da GNR de Barcelos. O cabo Ferreira explicou, no passado dia 10, em detalhe os cuidados que meninas e meninos deverão ter, por exemplo, quando são abordados por estranhos. O relato de histórias verídicas, feito pelo GNR, foi um importante elemento de persuasão, pela positiva, para os garotos. Os pais decerto ficaram contentes quando, no fim daquele dia, os filhos lhes contaram as «novidades» úteis para uma vida mais tranquila.

Antes, dia 26 de Junho, foi a vez dos «avós» da ACARF, assistirem a uma acção de sensibilização, efectuada pelo mesmo elemento da GNR.

No âmbito da prevenção e segurança, e de um modo muito especial, o cabo Ferreira esclareceu os presentes através de slides com vários sinais, que os burlões utilizam para comunicar entre eles. Os «avós» ouviram com atenção, fizeram perguntas e até contaram alguns casos pessoais pelos quais já passaram.

Caminhada ao domingo

No próximo dia 26 de Julho, decorrerá uma nova caminhada organizada pela ACARF. Desta vez, rumar-se ao monte de S. Lourenço, com uma vista a perder-se pelo

mar, além de vestígios das culturas castreja, romana e medieval.

A saída está marcada para as 7h, da sede da ACARF.

Autarquia

Centro Cultural: acção e encontro

O Centro Cultural continua a ser espaço de encontro na vida dos forjanenses. Depois das celebrações do 20º aniversário de elevação a vila, permanece, até final de Agosto, a exposição de fotografia «Um olhar sobre Forjães», enquanto memória colectiva de quotidianos e costumes da nossa terra.

Ainda no mês de Agosto, dia 7 (21h), terá lugar no Centro Cultural o lançamento de mais um livro da autora forjanense Conceição Amorim. E no dia seguinte, 8 de Agosto, decorrem mais duas actividades: o convívio motard, no exterior, e um encontro dos forjanenses nascidos em 1958, que se realiza no interior deste mesmo edifício.

E em Julho realizou-se, dia 11, a apresentação pública de trabalhos dos alunos da E.B.I., que se mantém em exposição até final deste mês. E no dia 12, registou-se mais uma vez a audição anual dos alunos da Escola de Música Dó-Ré-Mi, com presença significativa de público.

Também o Souto de S. Roque tem sido palco constante de muitos encontros e convívios quer por parte de forjanenses quer por parte de visitantes, o que muito nos orgulha e envaidece, significando o reconhecimento de que aquele é um local de eleição, não só pela sua beleza mas também pelas condições que apresenta.

Árvores e sebes sobre a via pública

A Junta de Freguesia solicita a todos os forjanenses que possuem nos seus terrenos árvores ou sebes por cima a via pública o favor de os cortarem com a brevidade possível. Para além de perturbarem a circulação de veículos e de pedes, originando um conjunto de reclamações, configuram-se como uma ilegalidade que não poderemos continuar a ignorar.

Como ninguém gosta de ser importunado com notificações, a Junta de Freguesia apela ao bom senso que caracteriza os forjanenses para que se possa ultrapassar esta situação. A colaboração de todos constitui um contributo para o asseio da nossa vila.

Novas pavimentações

A Junta de Freguesia, após a finalização das obras de equalificação da Av. S.ta Marinha, está a levar a cabo um conjunto de pavimentações de algumas das ruas da nossa vila, que ainda se encontravam em terra batida.

Este trabalho iniciou-se pela Rua das Giestas, que era uma artéria que se tornava praticamente intransitável em tempo de chuva, procedendo-se posteriormente à pavimentação de um pequeno troço que une a Rua António Boucinha à Rua Alto da Pedreira.

Actualmente está em curso a pavimentação da Rua dos Cesteiros, em S. Roque, prevendo-se ainda outras pavimentações durante os próximos meses.

ACARF no BTT

O 3.º DownHill de Esposende integrou uma descida nocturna no dia 20 de Junho e a prova do Campeonato Regional do Minho de BTT no domingo, dia 21. Numa organização conjunta da ACARF, Associação de Ciclismo do Minho, Câmara Municipal de Esposende e Esposende 2000, o 3.º DownHill de Esposende disputou-se no Monte Senhora da Guia, Belinho, um local com vista privilegiada para o mar que reúne condições excepcionais para a prática do BTT.

A par das componentes de espectáculo, competitividade e emoção, o 3.º DownHill ficou também marcado pela presença de elevado número de participantes e de público, cerca de 3000. Disputaram a prova do campeonato 149 atletas, tendo participado na descida nocturna os detentores dos 100 melhores tempos obtidos numa manga única de qualificação realizada durante a tarde.

Na prova do Campeonato Regional do Minho de BTT e prova nocturna, Joel Ferreira (Infobtt.com / Associação Radical) foi o mais rápido nas duas mangas da

competição, obtendo o melhor tempo absoluto nas duas descidas. David Fontes foi o melhor da equipa ACARF-Viabike tendo efectuado 8º lugar em Juniores e 11º lugar à geral. Na Taça Nocturna destaca-se o lugar obtido por Ricardo Viana atleta apoiado pela equipa ACARF-Viabike, que ficou classificado em 2º lugar.

Assim foi comprida a 2ª prova do calendário Regional de Downhill.

Barroselas: nova prova em Setembro

Dias 4 e 5 de Julho, 9 atletas de Downhill da ACARF efectuaram um estágio no bikepark de Manzaneda, Galiza (foto acima). As condições do terreno e as pistas que se encontram neste bikepark são o local ideal para melho-



rar a técnica de controlo da bicicleta, escolhas de trajetórias e controlo de níveis de respiração. Cumprido o estágio de verão a equipe técnica da ACARF espera que os atletas consigam manter os bons lugares já obtidos, na próxima prova a contar para o campeonato Regional do Minho, a realizar no monte da Padela, em Barroselas, a 20 de Setembro.

Pagamento de assinaturas e de quotas

A direcção da ACARF informa que a cobrança da assinatura de O FORJANENSE e das quotas dos nossos associados irá ser efectuada, porta a porta, durante o mês de Agosto, por Eduardo Pinheiro.

Visite esposendeonline.com



O FORJANENSE o melhor jornal de Esposende

Desporto ■ Notícias FSC

Nova direcção apresenta projectos

Fernando Neiva

Arlindo Tomás foi reeleito, por unanimidade, como presidente do Forjães Sport Clube (FSC). No passado dia 4 de Julho, a sua lista foi a única que se apresentou no acto eleitoral para os órgãos sociais do FSC.

Afirmado que, a subida de divisão constitui um dos três principais objectivos da nova direcção, Arlindo Tomás anunciou que já está a trabalhar na formação de uma equipa capaz de corresponder àquela difícil tarefa.

Outras apostas do presidente é a remodelação do actual campo ou a construção de um novo complexo desportivo, bem como a reestruturação do futebol jovem, tendo em vista a criação de uma escola de futebol do FSC.

Esta será uma direcção de continuidade, pois, embora tenham saído alguns elementos que constituíam a direcção anterior, a maior parte dos directores acompanha



Foto: Luis Pedro Ribeiro

Um das apostas da direcção de Arlindo Tomás: a remodelação do campo ou a construção de um novo

Arlindo Tomás neste novo mandato. No final da Assembleia, o presidente agora reconduzido, solicitou uma maior e melhor colaboração de todos os associados, referindo que na época anterior a sua direcção sentiu muitas dificuldades, incluindo o recebimento de algumas quotizações. O presidente reeleito mostrou-se também um pouco agastado com algumas situações vividas na época que agora findou, nomeadamente

atitudes de alguns sócios e dificuldades para angariar fundos que permitissem equilibrar as contas, acrescentando que tudo se resolveu com o empenho da direcção do FSC. Entretanto, afirmou esperar, durante o próximo mandato, uma maior aproximação dos sócios, simpatizantes e patrocinadores do clube.

Relativamente ao treinador do FSC, ficou-se a saber que Fernando Pires e a sua equipa técnica transitam para a época de 2009/2010. Aquele técnico, juntamente com o presidente, estão já a definir o plantel, tendo em conta que o principal objectivo visa o regresso imediato à divisão de honra. Os treinos deverão iniciar-se em finais de Agosto. Ao longo deste mês irá decorrer o já tradicional Torneio de Futebol de Salão.

Para a história do clube, os resultados da equipa sénior na época 2008/2009

Classificação AFB		Final (30ª Jornada)						
Divisão Honra 08/09		Pts	J	V	E	D	GM	GS
1	Santa Maria FC	68	30	20	8	2	70	31
2	Famalicao	67	30	20	7	3	54	17
3	Martim	56	30	16	8	6	46	29
4	Caç. Taipas	55	30	17	4	9	46	31
5	Porto D' Ave	49	30	15	4	11	39	28
6	Esposende	47	30	13	8	9	46	29
7	Arões	47	30	14	5	11	35	27
8	Santa Eufália	46	30	13	7	10	39	40
9	U. Torcatense	42	30	12	6	12	49	36
10	Águias da Graça	40	30	11	7	12	39	35
11	Ronfe	39	30	11	6	13	43	46
12	Pica	35	30	9	8	13	33	37
13	Lage	27	30	7	6	17	24	54
14	Forjães	22	30	6	4	20	21	57
15	Alegrenses	18	30	4	6	20	28	56
16	Pico de Regalados	12	30	2	6	22	11	70

* Pico de Regalados desistiu todas as equipas somam 3 pontos nos jogos da 2ª volta já contabilizados nesta classificação.

Quadro Final de Resultados Seniores 08/09

1ª Volta		Divisão de Honra AFB		2ª Volta	
0	1	Alegrenses	Forjães	1	0
0	1	Forjães	Porto d' Ave	0	2
5	0	Famalicao	Forjães	2	0
1	2	Forjães	Martim	2	2
5	0	Arões	Forjães	1	2
2	1	Forjães	Sª Eufália	3	0
2	0	Ronfe	Forjães	2	0
1	4	Forjães	U. Torcatense	1	2
2	1	Esposende	Forjães	0	0
0	2	Forjães	Lage	1	0
1	0	Pico Regalados	Forjães	0	3
1	1	Forjães	Águias da Graça	2	4
4	0	Santa Maria	Forjães	3	0
3	0	Taipas	Forjães	2	1
0	0	Forjães	Pico	0	4

Taça AFB

2	3	Granja	Forjães
2	0	Forjães	Granja
3	2	Forjães	Palmeiras
3	0	Forjães a)	Longos
2	1	Águias da Graça	Forjães b)

a) Após prolongamento. b) Jogo para acerto do número de equipas nos 1/4 de final.

Tomada de posse dos órgãos sociais do FSC

O Forjães Sport Clube realiza uma Assembleia-geral, dia 24 de Julho (sexta-feira), pelas 21,30h, no auditório do Centro Cultural de Forjães. A reunião tem como objectivo a aprovação do Relatório de Contas de 2009/2010, a tomada de posse dos Órgãos Sociais para a época desportiva 2009/2010 e ainda assuntos de interesse geral ao funcionamento do clube.



Relembrando

a passada

O Forjães Sport Clube disputou a Taça de Portugal, por seis vezes. E embora não tenha tido grandes resultados nesta difícil competição, o seu percurso engrandece o currículo duma Instituição com quase quarenta e três anos de filiação.

Para os mais saudosos aqui ficam as épocas e resultados obtidos nestas participações. Muitos tiveram o privilégio de acompanhar a equipa, inscritos naquelas famosas excursões nos autocarros da Linhares (sr. Nuno Quintão ao volante), embarcados em verdadeiras aventuras, de farnel e garrafilho, percorrendo sinuosas estradas, que hoje mais seriam caminhos.

Época 75/76 – Deu-se a primeira participação do Forjães na Taça de Portugal. Ditou a sorte que o Forjães se deslocasse a Leça da Palmeira para enfrentar o clube local, onde os forjanenses foram vergados logo na primeira ronda. **Leça Futebol Clube 2-0 FSC.**

Época 76/77 – Segunda participação no troféu. Desta vez, a deslocação foi a Vila Real. Os ares de Trás-os-Montes não deram sorte e o desfecho final, após prolongamento, foi **Sport Clube Vila Real 2-1 FSC.** Ainda assim, o Forjães foi repescado para a ronda de acerto do número de equipas e coube-lhe uma nova deslocação ao terreno do Leça. Mais uma vez, estes levaram vantagem e eliminaram-nos. **Leça Futebol Clube 3-0 FSC.**

Época 78/79 – Nova participação nos Nacionais e consequente participação na Taça de Portugal. Na altura, o Forjães ultrapassou a primeira eliminatória, **FSC 2-1 Amarante Futebol Clube.** Na ronda

seguinte, o Forjães teve uma deslocação muito difícil, em tempo de neve, à cidade da Guarda e, apesar da forte resistência oferecida, o desfecho final deixou o Forjães pelo caminho, **Associação Desportiva da Guarda 2-1 FSC.**

Época 82/83 – A militar na distrital de Viana do Castelo, o Forjães conseguiu o apuramento para esta prova, fruto da sua boa classificação na época anterior. Deslocou-se a Ponte de Lima e foi copiosamente derrotado. **Associação Desportiva Limianos 5-1 FSC.** No campeonato, o Forjães falhou a subida à terceira nacional nas duas últimas jornadas em favor do Cerveira.

Época 83/84 – Depois do inesperado falhanço na subida de divisão na época anterior, o segundo lugar deu-lhe direito a mais uma participação o Forjães na Taça de Portugal. A sorte destinou-lhe a forte equipa do Esmoriz, que não teve contemplações. **FSC 1-4 Sporting Clube de Esmoriz.**

Época 86/87 – Esta foi a última participação na prova. Depois de um terceiro lugar na época anterior, o Forjães foi indicado pela AF Viana como seu representante nesta prova, em detrimento do Arcozelo de Ponte de Lima. No Horácio de Queirós, o Forjães deu muita luta aos famalicenses do Joane, mas não resistiu ao seu maior poderio. **FSC 1-3 Grupo Desportivo Joane.**

Nascidos em 1959

No próximo dia 14 de Agosto haverá lugar a uma jornada de convívio para todos os que festejam no decorrer do ano em curso meio século de vida. Para informações e inscrições, contactar: António Silva, 964843538; «Moinhos», 961949268; Carlos do Jidório, 966329508.

Opinião



Isabel Sá

Festa da crise

Roque, Santa Tecla, Santa Úrsula, Santa Marinha...

Seja qual for o nome do santo, é a devoção que norteia estas festividades. Ou pelo menos assim deveria ser, pois sem santo não há romaria... Mas, se na origem destas comemorações estava de facto a devoção a um santo, numa tentativa genuína (ou não!) de encontro e aproximação entre o humano e o sagrado, ao longo dos tempos esta componente religiosa foi sendo substituída por uma vivência fortemente pagã destas celebrações. Já ninguém «vai à festa» para rezar aos santos, pedir protecção divina... Durante dois, três, quatro dias, uma semana (até) é entre a música e os bailaricos, a comida e a bebida, que a gente esquece os espinhos da vida.

Nada contra, claro!

Até porque estas festividades são, na minha perspectiva, locais de eleição para o convívio, a construção de novas amizades, oportunidades únicas para «pôr a conversa em dia» e falar do vizinho

As romarias devem ser mantidas. Mas, em época de crise, imitemos os valores dos santos, cortando nas verbas

(mal ou bem, não interessa).

Festa é sinónimo de folia, de diversão. «Pai, quero dar uma volta no Swing ou no Kanguru... não, prefiro andar na montanha

rusa e depois no touro mecânico». E, enquanto o filho anda às voltas, sobe e desce, o pai, coitado mas feliz, anda às noras com a carteira a esvaziar e a pensar já no dia de amanhã. É que ele até já dera para esse peditório, pois a esmola para a festa não pode falhar num bom cristão... é em honra do santo (claro!).

Qualquer festa ou romaria digna desse nome deve ter no seu programa uma majestosa procissão, um cortejo grandioso, fanfarras, bandas de música (muitas), bombos e gaiteros, divertimentos, cantores afamados, fogo-de-artifício, aliás, muito fogo... o que equivale a dizer muito investimento e logo alguns sacrifícios para a comunidade local que tem de suportar com as despesas.

Peço desculpa, se calhar ainda

não me fiz entender bem e não quero que fiquem dúvidas. Eu não tenho nada contra as feiras, as festas e as romarias que pululam um pouco por todo o país. Pelo contrário, devem ser mantidas e sacramente preservadas, são uma marca profunda da nossa identidade cultural, fazem parte do nosso património, enquanto civilização. Mas permitam-me um desabafo... estamos em época de crise, de contenção, de apertar o cinto. E, se os santos são aqueles que melhor conseguiram viver os valores humanos e divinos, porque não imitá-los, cortando nas verbas exorbitantes que se gastam em nome de um santo padroeiro?



Irene Margarida

Tia Angelina

lecer, juntamente com o cruzeiro, a rampa do adro e a igreja.

A Tia Angelina saía todas as tardes com suas ovelhas, substituindo a anterior Tia Paula. No prado do tapete verde da rampa do adro, sua relva crescia todos os dias, mas ficava sempre à flor do chão, porque as ovelhinhas encarregavam-se diariamente de a tosquiar. A nossa encantadora velhinha, aí passava tranquilamente, parte dos seus dias, tendo por companhia suas ovelhas, olhando ou mesmo falando com elas, enquanto fiava sua lã ou tricotava as meias quentinhas para o rigor do Inverno. A todos saudava e com muitos conversava, porque a todos sabia acolher com ternura, humildade e simpatia. Nós ficamos presos a esta maravilha bucólica, digna do pincel de qualquer pintor famoso e a recordamos com saudade, porque o choque do presente, sem querer empurra-nos para este passado, só ele possuidor desta naturalidade, desta pureza.

A velhinha regressava a casa com suas ovelhas ao som das «Avé-Marias», quando o sol se extinguia no horizonte. À luz da candea de petróleo, aquecia, na lareira, o caldo de couves da sua horta. Depois da refeição, demasiado parca para os dias de hoje, rezava as suas orações. Já noite dentro, enquanto a chaminé ainda fumegava, a Tia Angelina adormecia na paz do Senhor. A mesma cena se repetia diariamente, sem ambições, com a felicidade de quem se contenta com o «pão nosso de cada dia».

Identidade e património cultural

Por várias vezes passo por um dos monumentos emblemáticos da cidade de Esposende que apesar de recente não deixa de ser um transmissor de identidade cultural da cidade. Refiro-me ao monumento em honra do HOMEM DO MAR, que se situa em plena praça. E, por vezes, vejo miúdos a utilizá-lo como escorrega, tendo já idade para ter presente o conceito de património cultural e saberem que é seu dever preservá-lo. A verdade é que da utilização indevida e abusiva deste monumento resulta a perda de letras da inscrição, como por exemplo o «O» ao «Homem» e um «E» a «Esposende». Mais chocada fico ao verificar que, na maior parte das

Tantos séculos a tornarmo-nos homens cultos. De repente mostramos o nosso lado mais básico

vezes, estas crianças estão acompanhadas por adultos.

São também visíveis alguns «grafites», não só no monumento *Ao Homem do Mar* mas em outros ao longo da cidade.

Demoramos tantos séculos a tornarmo-nos Homens cultos e viver integrados numa sociedade organizada e, de repente, parece

que estamos a mostrar o nosso lado mais básico.

Aquilo que somos como indivíduos está relacionado com a sociedade em que nos integramos por herdarmos um património que está presente nos nossos costumes, na nossa linguagem, nas igrejas, casas, praças, pinturas, artesanato e entre muitas outros aspectos. Este património deve ser interpretado e preservado. É uma herança do passado que está presente no nosso dia-a-dia e que devemos passar às gerações futuras. Temos o dever de o preservar e conservar, pois por ele nos distinguimos, identificamos e caracterizamos como Povo.

O contacto entre as gerações mais velhas e as mais novas é necessário e saudável, para que se estabeleça laços de conhecimento e compreensão de uma sociedade. Estes laços devem ser reforçados pelo contacto material daquilo que foi produzido no passado, mas sem que desse contacto resulte o prejuízo das gerações que estão para vir, pois essas também tem direito de conhecer o passado através do seu património material e imaterial. A interacção da criança com a cultura é possível mas deve ser realizada de forma consciente.

É difícil explicar à «geração da globalização» o quão importante é preservarmos a nossa identidade. Contudo, não podemos deixar de o fazer, mostrando às crianças de hoje o que foi a vida dos seus pais, avós e bisavós; como era a terra em que vivem, quais as actividades

económicas praticadas, como era o dia-a-dia da pesca, da lavoura, da apanha do sargaço, para que eram usados os moinhos de vento e as azenhas – explorar o caminho do passado que projectou o futuro que hoje é presente. Devemos preservar os conhecimentos, costumes e aquilo que os antepassados criaram e construíram. Mas mais difícil é fazê-lo quando vemos adultos a consentir com aquele tipo de comportamento, pois não advertem as crianças para o desrespeito que estão a ter com a sua comunidade ao destruírem o seu património cultural.

Os monumentos têm de ser respeitados e zelados como um património comum, como um local sagrado onde reside o conhecimento que outrora deu vida às gerações vindouras que hoje somos nós – comunidade integrante do concelho de Esposende.

Não vemos os miúdos a entrar pelas igrejas e a fazer delas locais de brincadeira! Porque será?!



Elsa Teixeira

Viver ■ Culinária ■ Passatempos

É bom ter saúde

Rita Braga
Farmacêutica

A gota é uma das doenças mais correntes e limitativas da nossa sociedade. Causada pelo excesso de ácido úrico (hiperuricémia), que se acumula principalmente nos tendões e articulações, provoca inflamação e, por consequência, dor, muitas vezes lancinante.

Os sintomas da primeira manifestação da doença podem durar alguns dias ou várias semanas até desaparecerem completamente, dependendo da gravidade. Normalmente começam por uma dor forte, habitualmente no dedo grande do pé, podendo afectar qualquer articulação.

O tratamento da gota inclui medidas farmacológicas e não

farmacológicas. Estas podem funcionar como meio de prevenção, porque o ácido úrico é proveniente do metabolismo das proteínas purinas, logo, o excesso de alimentos ricos nestas proteínas pode originar as crises de gota.

As manifestações da doença podem ser evitadas ou atenuadas, diminuindo o consumo de bebidas alcoólicas; evitando alimentos ricos em purinas, tais como *miúdos* (fígado, rim), frutos-do-mar, carne vermelha em excesso; combatendo a obesidade e sedentarismo e aumentando a ingestão de água para facilitar a excreção de ácido úrico.

Sabores de cozinha

Manuel Fernando Cruz é caçador. Quando pensou em abrir um restaurante, não hesitou: havia que honrar a cozinha de caça. A adega familiar foi transformada em lugar de culto, onde se veneram o coelho bravo, a lebre e o javali, entre outras iguarias, trazidas directamente dos campos alentejanos. Maria Belmira, a mãe de Manuel, pontifica na cozinha: preserva-se a tradição e alegram-se os comensais, que na esplanada encontram refúgio entre vegetação aconchegante.



Perdiz à vinagrete

Feudizes
2 ovos (gemas)
Vinagre q.b.
1 colher de maizena

Primeira avança-se a perdiz. Em seguida faz-se um refogado e coloca-se a perdiz a estufar. Deixa-se cozer e alourar. Retira-se da panela. Prepara-se o molho com duas gemas de ovos, desfeitos num

pouca de vinagre e depois junta-se uma colher de sobremesa de farinha maizena. Deita-se o molho no refogado e vai ao lume a engrossar e por fim põe-se a perdiz.



Pratos característicos

-Especialidades de caça



TIRO NO PRATO

Aberto todos os dias excepto à 2ª feira

Não aceita multibanco

Rua Cândido Meira da Cruz / R. Miguel Pacheco Azevedo
4740-011 Antas
Tel.: 253 871242



Publicidade

Palavras Cruzadas

Horizontais

1º presente que os padrinhos dão aos afilhados; primeira e mais delgada corda de alguns instrumentos musicais = 2º esclarecer = 3º aqui; dar mimos; laço = 4º mesa para os sacrifícios; roubar = 5º cursos de água naturais; dama nas cartas de jogar = 6º abreviatura de senhor;

tecido com que se cobre qualquer coisa; nota musical = 7º prendem; escavação = 8º medida antiga de sólidos (plu.); relativo ao homem = 9º monsenhor (abrev.) faltar a qualquer dever; grito do cão = 10º provocaram a morte = 11º grande mamífero anfíbio dos mares árticos; estéril =

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Verticais

1º pôr em foco; armadilha = 2º pôr em lista = 3º alem; tributos que os judeus pagavam por família; Maria Rosa (abrev.) = 4º espíritos; cartas geográficas = 5º desmoronar; haste de madeira armada com uma ponta de ferro = 6º ministério da marinha; possuir; aqui = 7º dar pios; cajado = 8º pouco espessas; mudar de direcção = 9º partir; relativo aos pólos; terceira nota musical = 10º nome de mulher = 11º fruto silvestre; tomo de aluguer =

Manuel António Torres Jacques
Cavaillon, França

Ementas da casa

Maria Mota e Olímpia Pinheiro

Neste mês viram o trabalho crescer. Sentaram-se à mesa mais meia centena de meninas e meninos do que é habitual. É a consequência das férias escolares. Mas as cozinheiras da ACARF não se inquietaram, tratando de adocicar o bulício. Que o digam as bocas gulosas, deliciadas com um leite creme com um travo a limão... Em Agosto vão ter o merecido descanso. Ficamos todos curiosos com as ementas que irão encantar o palato das crianças, em Setembro.



Blinis com queijo-creme

100g de queijo-creme
Sal e pimenta
16 miniblinis de compra
1 ramo de orégãos frescos

Tempera o queijo-creme com sal e pimenta e, depois disso, transfira-a para um saco de pasteleiro munido de boquilha feiodada. Sobre um prato de servir, dispoña metade dos blinis e, por cima, coloque uma roseta de queijo-creme. Cubra com os restantes blinis e decore com as folhas de orégãos. Reserve no frigorífico, até ao momento de servir.

Bacalhau simplório

1 cebola grande
1 dente alho
4 postas pequenas de bacalhau
6 batatas médias
Sal, colorau e salsa picada q.b.
0.5l azeite

Num tabuleiro de ix ao forno, deita-se a cebola e o alho picados, lascas de bacalhau cru, batatas cruas e cortadas aos palitos, sal, colorau e salsa. Rega-se com bastante azeite e leva-se ao forno a cozer.

Av. Marcelina Queirós, 130/140 Estrada E - loja 14 - 4740-438 Fajãs - Esposende

Av. de S. Romão, 10 - 4935 Neiva - Viana do Castelo



Tel: 253 876 974/TLN: 965 166 956



Tel: 258 871 466 - Fax: 258 371 420



Viver dedicada à investigação

O seu trabalho de investigadora foi já reconhecido com um prémio de excelência, a nível nacional. A forjanense Patrícia Cruz, dedica-se a um trabalho inédito: conseguir potenciar o efeito de protecção da célebre vacina BCG. *Texto de Mário Robalo Foto de Luís Pedro Ribeiro*

Sempre gostou de, em casa dos pais, ver como nasciam os pintinhos. «Um dia, teria 9 ou 10 anos, insisti em assistir ao parto de uma gatinha», recorda o pai, José Maria Cruz. Andrea Patrícia Cruz, inicialmente dizia que queria ser veterinária, mas hoje aos 32 anos de idade, esta forjanense já é membro do conselho científico do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e da Saúde (IICVS), da Universidade do Minho.

Doutorada em Ciências da Saúde (ramo Ciências Biológicas e Biomédicas) por aquela Universidade, dedica-se actualmente a investigar a actividade da famosa vacina BCG contra a tuberculose, descoberta em 1920. «Dado que aquela vacina ao fim de alguns anos deixa de proteger, trata-se de compreender como é que funciona, de modo a conseguir potenciar o seu efeito e fazer avançar o tempo de protecção», explica assim o trabalho que desenvolve desde

Abril de 2007. Numa linguagem comum, poderíamos dizer que Patrícia Cruz, conjuntamente com a equipa que integra no IICVS, está a estudar a possibilidade de conseguir uma nova vacina, integrando-se numa das prioridades da Organização Mundial de Saúde, de forma a erradicar a doença.

Desde que terminou a licenciatura em microbiologia, em 1999, na Universidade Católica Portuguesa, Patrícia Cruz iniciou uma vida dedicada à investigação. Enquanto efectuava o mestrado na Montfort University, no Reino Unido, era aceite no Friedrich Miescher Institute, ligado à multinacional Novartis, na Suíça. No ano seguinte, em 2001, ainda antes de começar o doutoramento, já era admitida no Instituto de Patologia e Imunologia Molecular, da Universidade do Porto. O doutoramento, concluído por «unanimidade e distinção» em Março de 2007, foi realizado como bolsista no IICVS, onde hoje se empenha no trabalho sobre a BCG. Mais de uma dezena de formações académicas complementares, o ensino em cursos de graduação, a orientação a estudantes de pós-graduação e a divulgação de artigos científicos, quer de sua autoria ou em parceria, em publicações nacionais e estrangeiras, fazem parte do seu currículo que inclui ainda, entre outros galardões, o Prémio de Excelência em Imunologia Mário

Arala Chaves, em 2006, o mais reputado a nível nacional naquela área, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Imunologia.

A carreira científica desta investigadora está destinada a ser repartida com o ensino numa universidade. O trabalho que desenvolve na Universidade do Minho integra-se numa bolsa de pós-doutoramento, por não haver em Portugal um percurso profissional próprio para investigação. «O facto de não existir no nosso país uma carreira para os investigadores é frustrante», lamenta. Recordando que recebeu convites para voltar a trabalhar nos EUA, afirma, todavia, que não desiste de continuar em Portugal. Apesar das condicionantes que a investigação enfrenta no nosso país, Patrícia Cruz refere com satisfação o facto de o trabalho desenvolvido pela equipa que integra na Universidade do Minho



«estar a ser reconhecido pela comunidade internacional», e que se expressa na inclusão em projectos da União Europeia. «A Finlândia cresceu à custa do investimento na investigação», sublinha, quando recorda que terá de dividir a vida entre a preparação das aulas e o laboratório. É aqui que agora passa a maioria do seu tempo. «Muitos dias entro às 7 da manhã e não saio antes das 21h», diz para sublinhar que as experiências que realiza nos ratinhos não se compadecem nem com horários, mesmo

durante os fins-de-semana. «Quem trabalha na investigação tem uma semana de satisfação e o resto do ano é frustração», diz quando quer exprimir que as exigências do laboratório não podem levar à desistência. Mesmo assim, não deixa de referir as alegrias, como por exemplo quando em 2006 viu reconhecido um artigo científico pelo conceituado Journal of Immunology, dos EUA.



SAP 24

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA PERMANENTE



93 660 6666

Arranjos em Casa?...

ASSISTÊNCIA MULTI-SERVIÇOS

Reparações Urgentes?... 24 Horas / 7 Dias

Arranjos em Casa (Pedreiro, Pinturas, Electricista, Canalizações, Desentupimentos, Janelas e Estores) Manutenção (Piscinas, Jardins, Limpezas Gerais) Apoio Sénior (Assistência Pessoal e Domiciliária) Transporte e Mudanças / Organização de Eventos Assistência Automóvel / Recuperação de Créditos

www.sap-24.com



AGROZENDE

FABRICAÇÃO DE ESTUFAS E REGAS, LDA

Sistemas Rega - Plásticos Termicos - Plásticos Cobertura Solo - Redes - Telas - Climatização



Agrozende Fabricação de Estufas e Regas, Lda é uma empresa moderna que sempre procurou, desde o seu início, apostar na actualização constante dos seus serviços e produtos proporcionando aos seus clientes a qualidade necessária às suas exigências.

Como empresa em expansão prestamos os nossos serviços e apoio de norte a sul do país e ilhas, através de equipas especializadas na montagem e aquecimento de estufas, sistemas de regas, armazéns de apoio e Garden Center.



Poderá aceder à nossa empresa através de:

Tlf: 253 983 432 - Fax: 253 983 433 - Mail: agrozende@vizzavi.pt
Rua da Agra - Apartado 13 - 4744-909 Fonte Boa - Esposende